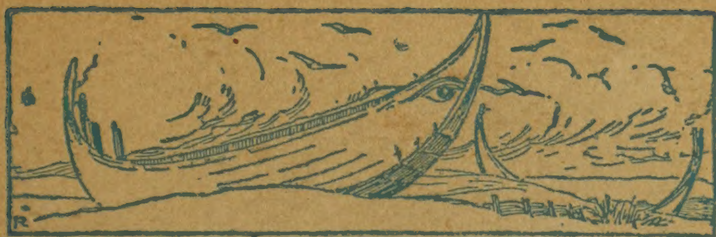

3 1761 06680288 5



# Á BORDA :
# : DAGUA

POR

Alfredo Guimarães

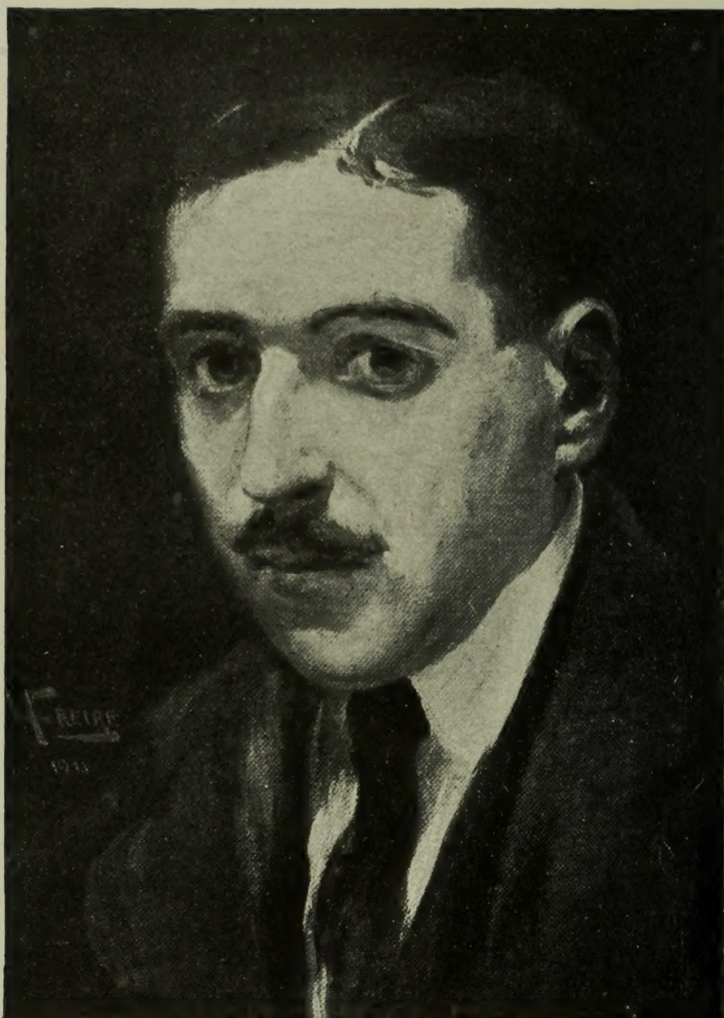
Ferreira, Limitada — Editores
LISBOA — 1912

# Á BORDA DAGUA

DO MESMO AUTOR

**Palavras** — *Versos* — Rodrigues & C.ª, editores. 1908.

**A ilusão** — *Um ato* — Teatro Nacional. 1910.




Por Luciano Freire.

ALFREDO GUIMARÃES 

# Á borda dagua

Illustrações de Raul Lino e Luciano Freire



LISBOA
**Livraria Ferreira, Editora**
FERREIRA LIMITADA
132, Rua Aurea, 138

1912

PARA MEU PAI

I

Quando se abandonam os campos abrigados com a capa saragoceira da montanha, e cobertos do largo chapeu estrelado do firmamento — manhã fresca, manhã humida, em agosto, entra-se nas terras planas de areal, abrangem-se ao longe todas as barreiras do horisonte — é o mar que se levanta e as areias que ainda repoisam; e logo se vêm, em redôr, incharcadas do nevoeiro, as pastas do musgo glauco e aveludado que magestosamente cobrem as grandes, negras e teimosas penedias de toda uma praia deserta e enorme!... Na sua frente todo o camponez sensivel se descobre e cala, maravilhado!... Ondas sem fim, embalando ou abraçando-se, vêm subindo, com vagar... Multiplica-se logo o sussurro dessas ondas com o impeto bravio de outras ondas distantes, que cedo vêm. E então, dentro de toda a sua sinceridade e impulso, o camponez deixa cair todo o pesado guarda-sol de cana; ergue o busto, com ceri-

monia, e fazendo tres vezes o seu chapeu ao vento, exclama, comovidamente:

— Senhor mar, senhoras aguas... para que vivam!...

*

* *

Mas antes, na gaiola curta de uma *terceira* do baixo-Minho, o pasmado, trigueiro e pacato pedaço de homem que é o lavradôr da região, disfruta com curiosidade, atravez cada postigo quadrado, os imensos milhos que a sua alfaia não sachou, o pé da horta, estranho, que aguas estranhas reverdeceram, e os exercitos provocadores da montanha coroada de pinheiral — emquanto ao lado, enganando-lhe o bicho do ouvido, o moço, que só vê dos campos o colorido alegre e as linhas fugitivas, ensaia ao harmonium, numa ternura divertida, o saltadinho engraçado do *verdegaio*.

Nas prateleiras quasi rentes ao této, ou contra as barrigas ou no chão, entre as saias, aconchegam-se as sacas de chita, anafadas e pintadas, onde o bragal cheiroso de fresco se

acama, para uns quinze dias de ocio, no mar. As mulheres ventrudas, adornadas de claro e esmaltadas, nas duas faces, do trigueiro e encarnado envernizados das maçãs de dependura, prantam-se obedientemente ao lado dos maridos, os quaes vigiam — mal seguros — a entrada, de acaso, de algum padre da aldeia, avantajado, ou de qualquer sujeito que *fale bem,* falando muito. Então o comboio corre fogo na facilidade das ribanceiras, entre campos. Como levantadas com pavor, as arvores parecem voar, crespas e rodando vertiginosamente. E emquanto, aos homens, o guarda-sol de cana se lhes imobilisa sob as duas mãos coladas e pesadas, com o fumo dum cigarro ao vento, divertidissimos; as mulheres, todas lustrosas e muito erguidas nos seus logares, voltam-se ás arvores que correm, ás latadas frescas que se despenteiam, e vêem girar na corôa dos montes, velozes e em estrela, os moinhos de vento que semelham, atravez um alto veu de neblina, as grandes arvores de fogo, giratorias, do arraial noturno do *S. Torquato.*

Entre o rancho dessas *terceiras,* sentado e

quasi arrepiado, por vezes uns motivos ribeirinhos, de harmonium, distraem e fazem amar as arvores, por toda essa monotonia do comboio andando e andando. Repetem-se lá fóra, por minutos sem conta e animando o *cliché* quadrado da janela, os matagaes, trepando pelas colinas, as casas de senhorio na meia encosta, as mêdas anaias e as eiras de lage clara, os rios e as avenidas de choupos, os milheiraes barbados de amarelo, espraiando-se entre as altas cerejeiras tufadas de verde, e os carvalhaes felizes de sombra, os pontilhões e as verduras de cada leira cavada e orvalhada. Uma grande e extensa scenografia alegre, quasi percetivel de perfumes, mas egual, decora por todas as direções. Subito, porem, divisa-se, lá muito distante, uma barra extasiada de mar! Os dedos nodosos apontam-na, contentes, atirando o cigarro!... — *Ceus!...* E nesses logares do longe, alastrando de manso entre a verdura de outros campos, e talvez de outros soutos, a longinqua superficie placida e extensa semelha uma longa *echarpe* azul que tivessem estendido, para seccar, sobre a barba dura dos tojos,

na distancia; e para o qual o povo agora ri e canta!

*Ai!... ólaré, ólari, ólaré...*
*ai, ólari, ólaré, ólará!...*

Rindo, mais alegres, e como o povo que se aperta e acumula aos postigões quadrados, de lenço agitado ao vento, os harmoniuns quasi jingam e saracuteiam uma *verde-cana* folgasã! Velhas da róca e da monda, tiradas ao abismo dos seus *padre-nossos* abstratos, alegram-se e ainda meneiam duas ondas no riscadinho da saia branco e roxo. — *Ai!... o mar, o mar... Senhora do Sameiro!...* Tentação de agua, aquela, que por amôr do seu movimento e novidade muitas sacas de miação se voltavam de boca para baixo, soltas nas abas caseiras que as enxeram!

E assim retomam o geito da dança, num palmeado vivo e certo:

*Ai!... ólaré, meu amôr, ólaré!...*
*ai, ólaré, meu amôr, anda cá!...*

*
* *

Horas depois, ainda em viagem, já os campos, as construções e as encostas deferiam, muito outras e pobres.

Tinha ficado lá distante a anafada céga de *Vila Nova,* de cuja voz e aspeto eu proprio tenho imensas saudades.

— *Cinco résinhos á céguinha, que o não póde gánhár... Lembre-se da céguinha... Que o não póde gánhár!...*

E a terra e o arvoredo, parecendo tomados por uma doença de esgotamento e sêdes, já não tinha a graça adejante, a fartura decorativa e cheia de murmurio que, álem do *Ave,* das varzeas á montanha, por toda a parte se mostravam, corpolentas e sorrindo.

Nas estações, mesmo, saindo á portinhola, que era feito da *mulher das pêras,* ou do *pote da agua,* ou dos *cigarros fortes* para pedreiros da aldeia? A's lages do passeio da *gare* surgia, apenas, aquele chefe gordo do *bonnet* de pála, com os filhos agarrados ás pernas e tão conhe-

cido no Minho pelo seu bigode castanho assombreando-lhe, como um rebuço, a saliencia carnuda do beiço. Em cima, na frente das janelas da agua furtada, corria uma videira de quatro metros de largo, toda mordida e queimada do mildiu. Medravam cravos vermelhos, nos potes gordos, sobre as telhas assoalhadas. As galinhas picavam cá em baixo, entre os passageiros para embarcar. E o mais eram aquelas trez campainhadas, todas lentas, como de egreja; a bandeirola vermelha, empertigada, militarmente, sob o punho de galão; a entrega do *Primeiro de Janeiro*, e um recado para dar «lá adeante», quando o comboio passasse, ás «senhoras» de Gondifélos.

Pinheiraes curtos de tronco e dum verde pobre, nessas piquenas aldeias de Entre-Douro e Minho, ficavam nas terras chãs como que á mão de semear, logo adeante de umas leiras de milho. A farta milharia do campo de ábeira *Lima* e *Ave* tornar-se-ia exagerada, sob a poeira do sol ardente, posta junto daqueles milhos de folhas estreitas e duma sazão retardada, que pareciam ter encruado na terra

pobre que lhes não dava sustento. O proprio boi filosofo sofria mingua, entre esses pastos gafados. Mas a luz, todavia, era a mesma! O canto do sol, imortal, que, muito cedo, despertava lá em cima os galos da ribeira do *Cavado,* abria-se ali tambem, em largo vôo de côres e tão prodigo como a semente que se espalha da mão á terra, para que a terra fecunde e se alegre!

Para a grande alma feminina e ingenua dessa paisagem liricamente alegre e inquieta, era o sol, em verdade, como que a origem do sonho e o espelho provocador de todas as atrações, amorios e fantasias. Ele, como o ponto de rosa em que se fixa e se deslumbra a sede enorme, originaria e quasi religiosa de descobrir e possuir, exalta e prende, com paixão, o vale sem fim do meu logar natal, nessa maravilha de graça e gosto e sonho como, sob a beleza da sua quasi côr de estrela maior, os ramos e os rios com ele vivem e ao seu olhar como que se engrinaldam e cantam.

Sem a flôr raiada do sol, a um tempo indiferente e amavel, como poderia a terra, em cada um elemento vegetal e arvoreo, adornar-se de

tal modo que parecesse cuidada e enriquecida e vestida por mãos estranhas das suas proprias mãos fantasiosas e leves?!

Com ele todas as côres se descobrem; são mais profundas e aveludadas as sombras, e o proprio ar parece elevado da terra e posto em vôo, em circulo de dança aerea, em ronda desprendida e voluptuosa e facil, por sua graça!

Com ele — eu o vi — tudo a si proprio parecia desejar-se e namorar-se.

*

* *

Voando sempre, mais agudo pela garganta de entre os muros (sobre os quaes se debruçavam cachos rosados e indolentes de malva-rosa e rosas encarnadas de silva), o grito da machina, acelerando o comboio e batendo-lhe doidamente as ferragens, ia anunciando o desdobramento das estações e quasi o *terminus* da viagem. Com as mãos nas prateleiras dos sacos e dos baús de lata doirada, um ou outro

camponez deitava os olhos ao que era seu, emquanto outros, debruçados da janela, se deliciavam, com o cabelo ao vento, dessa aragem que as latadas pareciam promover, levantando e ondeando a sua espessa folhagem verde, de agosto. A cortar longamente pelos estreitos e soturnos rasgões de montanha, logo adeante a perspetiva se descerrava, como automaticamente, num baldio largo e dum relvedo curto, com largas pastas amarelas alastrando. E então, na espinha das encostas os moinhos de vento, em lindos e claros grupos, doidejavam mais e mais alegres, a rodarem e a voarem. Bois pachorentos, com a moleira caida nos olhos, entre os milhos, faziam as suas voltas de promessa, ao redor da nóra. Novos pomares, cheios de sombra e de frutos, pendendo, provocadores, reviam-se no seu gosto de conservar e amadurecer. Passavam, rentes, os caminhos de novas aldeias. E um novo silvo e alvoroço novo, enfebrecendo essa ingenua ventura de *chegar,* como que creavam no movimento fugitivo e amplo do comboio um largo vôo de aguia, tão largo e livre que a fantasia dos homens se alçava e, no embalo da

marcha, como que se desprendia, num grande vento, para o sol!

—*Eh!... Alem! Vê!...*

—*A Sinhora da Lapa!*

—*S. José! Lá adeante!...*

E a Povoa de Varzim—terra plana, aberta ás portas do mar—toda a movimentar-se em frente, pela sugestão do comboio que avançava para ela, surgia-nos branca e a rodar e a voar, como um bando de borboletas que vae alçar-se, lento e claro, para as nuvens!...

Bitesgas de bairro poveiro, mal distintas pelo chapelão derrubado dos telhados que declinavam, e pela mesquinhez do corte de arruádo, onde o sol mal podia entrar; claraboias de tôpo em forma de mêda, que os globos de vidro, abrazileirados, inflamavam de côres; os fustes sombrios dos templos, erguidos em duas torres de velha secura e sujidade catolicas; e, ao longe, o Mar, azul e largo como uma seda desdobrada—tal era a fita de *ciné* que passava alegre e ondeante, empoada do sol, barrada de calarias novas, e avermelhada, aqui e alem, nos telhados de estreia, muito frescos!

Logo a uma dobra de muro se descobria, alta, ao fundo da linha, a estação comprida de via-ferrea. Lá, enchendo o espaço ensombrado de sob a *marquise,* e entre as altas colunas verdes, uma multidão de promiscuo voltava-se e como que vinha caminhando para nós. A cada momento a *gare* parecia alargar-se, e crescer, e aproximar-se mais e sempre!... E de repente, sobre os estalos secos e duros das ferragens, a machina avançava, correndo todo o seu peso e a sua sombra; uma fuga subita de vapor, silvava, curvilinia; declamava a corneta estridente da estação, e a locomotiva, estacando, faria contra si todo o peso enorme da carga, num ultimo esforço violento.

— *Povoa!...*

Ativavam-se logo, entre o movimento desconcertado, na *gare,* cem mãos de maritimos — de banheiros e pescadores — crescendo e parecendo multiplicarem-se contra as janelas e pelos degraus das carruagens.

— *João Caneta!*

— *Banheiros. Os Tambucos!...*

— *Manoel da Hora!*

— *Vem á banhos?*

— *Os Moucos, meu brazileiro!*

E com as cestas de verga, os baús e as sacas anafadas de chita de ramagens brancas e vermelhas, homens de suissas e mulheres de cachenez e cordões de oiro, todos largavam em massa a plantaforma da estação, saindo e caminhando, entre os gritos das descargas e dos poveiros.

*

* *

De tal modo viaja, do campo ao mar, o cavador, meu irmão.

---

# II

*A Henrique Franco, pintor*

PELA madrugada, ainda quando um véo de neblina fechava e guardava para si toda a grande orla verde do mar, ficava-me esquecido ao peitoril da minha janela de hotel a ver, dali para cima, a ladeira do casario mourisco que subia, pictoresca e provincianamente, desde a *Praça do Almada* até ao largo aldeão das *Dôres*...

Sobre a velharia das telhas passaros vadios, áquela hora, assobiavam e voavam, em boa-vida de madrugada. Um mestre-alfaiate dava á machina, pressurosamente, na esquina fronteira, para os seus cinco filhos miudos. Chamava o sino á *missa do dia*, numa torre qualquer... E a vida, em mangas de camisa e com um cigarro a entreter ou, melhor, a dilatar os ocios, não se podia dizer — não, senhor — que me corresse lá muito mal.

Ao cair das cinco, chocalhando e dobrando a esquina, vinha diariamente um rebanho poei-

rento de cabras, chegado de S. Pedro de Rates. A voz triste e serrana e longa de uma rapariga, apregoava, lentamente... Então Lisboa recordava-me, madrugadora e doce, cheia de melancolicos pregões populares; e sentia, sob a posse de toda a minha fraqueza de indolente e contemplativo, essa melancolia desagradavel do breve regresso, sempre tão despotica para com os meus desejos de vagabundo e ocioso.

A' luz tenue, levemente azulada, do amanhecer de preguiça, os olhos divagavam bem por sobre aquelas telheiras provincianas, todas pintadas na verdura scenografica dos musgos e por vezes na sequidão aspera dos liquens secos e antigos. Como o éco longinquo e sucessivo de uma batalha gigante — erguendo-se e ressuando em fortes, bruscas e profundas descargas — a voz do mar vinha até ali, já prevista e impotente, a alargar mais e mais o horisonte abstrato da minha moleza pecadora... Voltava, então, a pensar no regresso... Era como deixar desprender-se-me dos braços uma explendida mulher, se acaso eu a tivesse... E, para me distrair, dispunha-me logo a observar a cabreira

da esquina e o seu rebanho branco e castanho, a essa altura já todo alastrado pela rua piquena, como numa sésta improvisada e assaz justificada.

*

* *

Nas fisionomias mitologicas das cabras encontrei, por enumeras vezes, expressões de serenidade e de indiferença e de abstração, que nunca assim vi completas nos tipos humanos. As suas peras compridas e agudas (como se um *mestre* de penteadôr as tivesse tratado), suspendiam-se orgulhosamente, á guize, duma atitude carateristica e insinuante. Valia a pena disfrutar essa impertinencia de caraterisação emquanto os galos cantavam alto e havia ainda neblinas ondulantes e azues e frescas, na manhã a desnudar-se... Mas como que todo o tipo mefistofelico se transformava, quando, com uma graça atraente, eu encontrava e me demorava vendo e atendendo, os olhos humidos, verdes, quasi maternaes, com que as cabras disfrutavam as coisas mortas e velhas da rua morta, silenciosa...

A infinita doçura dos seus olhos chama-nos interessantemente!... Como que neles se encontra, de tão serenos e meigos, a graça de uma flôr que a alguem esquecera na indiferença da sua estrada longa e monotona... E não passam menos levemente pelos objetos que um reflexo de ave no espelho das aguas quietas... Sómente a um brado rude da cabreira franzina e côr de vitela — muito clára e loira e suja — ou ao éco subito do chocalho, agitado e badalado pela impertinencia barbara das moscas, essas cabeças se intimidavam e nos olhos fundos passava, imprevistamente, como que um obscuro relampago de temor infantil.

Os olhos dos animaes são amaveis.

Ainda alguem hade dizer-me os pensamentos fortes, novos e pacientes, que em tão barbara força de natureza, em tão primitiva força combustiva e timida, a um só tempo recordam a ação formidavel e exterior das guerras e o sorriso afavel e pitoresco das creanças, ingenuamente quietas entre areias, separando os muluscos...

Na côr aguada dos olhos claros e femininos,

misteriosamente, a um tempo se definem e nos encantam os sentimentos que produzem a melancolia, vindos do peso de pensamentos reconditos e puros; e a dureza que promove a aversão, coalhada numa fixidez temivel e decidida, terrivelmente quieta...

Porque neles tudo lereis, como eu o lia...

E a essa bravura misteriosa que ao mar dava dias tão plenos de tranquilidade, de melancolia e de amolecimento, idealmente misticos; e ao contrario, em vulgares horas, lhe acelerava as forças, ampliava a imagem, quasi congestivo de atitudes, — a esse impulso alguem ha-de irmanar — na floresta dos ventos, dos sentimentos, dos gestos e das expressões — entre a força barbara dos animaes e certa rudeza nobre dos elementos, uma comum maneira de ser, egual de valores, gemea de possibilidade...

Algumas vezes certa cabra castanho-escuro, em cujos olhos e caraterisação mitica se observava uma firmeza e estranheza singulares, erguia com forma ousada a escura cabeça solida e modelada de fauno, empregando duramente para mim os grandes olhos escuros de espanto!...

Não conheço — nem ninguem conhecerá, ao certo — beleza de olhos mais perfeitos, modelo animal mais completo, ousadia de expressão mais original. Como fixos por uma força tenaz e intencionada, paravam numa observação longa, curiosa, quasi metodisada... As aves, ás vezes, distraiam-n'a... E como pensando, e como satisfeito, começava depois a concentrar-se todo o seu sentido imperfeito e fatigado; duramente os olhos se lhe cerravam, como com sono; e absorvendo-se, de novo retomava a sua posição de quietitude, de bondade e como de paz...

*

*   *

Nos beiraes os passaros continuavam voando de cá para lá, divertidos. Um fulgôr rosado, do sol ainda distante, refletia-se já no imenso *abat-jour* de porcelana que era o espaço lavado e azul e alegre. Outros sinos cantavam, lá a distancia... Os musgos dos telhados pareciam lavados, de tanta frescura. Já me sentia viver no rumor da manhã levantada e viva. E

para lá, para longe, continuadamente, roncos potentes do mar na fragua, como sugestionados de colera, cantavam o seu hino de amôr á Força, precipitando-se e atroando por toda a vila, imensamente rudes!...

---

# III

*A Luciano Freire, pintor*

Na grande alea da Avenida da praia, logo de manhã, passavam para um e outro lado os tipos curiosos das mulheres do povo — embiocando os chales as do campo, e as do mar a saia grossa e côr de pinhão, de saragoça.

Como a fumarada de um incendio, a nevoa crescia ainda sobre o mar, visivelmente ás ondas. Caminhando, com o bater duro e constante dos tamancos ouvia-se o urro triste e longo das «cornetas» marinhas, supradas pelos rapazes russos e fortes, filhos de pescadores. Entre a serenidade e a frescura da hora, namorando quem melhor as sentia, crusavam tambem pelas ruas os grupos de poveiras, de saia negra entufando-selhes na cinta e as pernas vigorosamente desnudadas até acima do joelho, a carregarem maços de redes negras, ensarilhados de *ráscas* e todos vertendo agua salgada do mar, do serviço da pesca de sardinha acabado momentos antes.

Lá deante, ao sul, regressando, divisavam-se tenuemente, entre as nevoas, os pannos suspensos das lanchas «devotas». Como que voltavam ao ritimo de uma orquestra oculta, serenamente vogantes e embriagadas da frescura dulcissima dos ventos e das nevoas. Umas seguindo as outras, cruzavam no longe difuso e cinzento. E para cá, em todo o espaço de aguas que dois braços amplos imaginariam abranger, tudo tambem silenciosamente se empoava até aos nossos olhos, numa solidão que endolecia e nos tornava abstratos...

Tumultuosos volumes de onda, quebrando e cuspindo espumas, faziam de continuo o côro estranho que chegava, monotonamente, do rez da praia, a chorar...

E então, para traz de nós e nos retalhos da vila, ainda adormecidos, um sino piqueno e lamuriento «picava» á missa... Quem fosse ouvil-a, pelas bemditas almas!... Padres grossos do Minho, a banhos para a batota e para as mulheres, corriam desde manhã cedo á capela do *Passeio Alegre,* apressados pela «corôa» do officio; e na capela, cuja sineta uma velha

tangia por detraz da portada, logo se enfrunhava uma concorrencia incrivel, apertada, suja, imensa. Era um mar estranho de cabeças acinzentadas, de olhos suspensos, de mãos erguidas, petrificado e mistico como se fosse num grande quadro votivo.

*

* *

Vinde vel-os — vinde ver os poveiros do casaco com remendos soltos, grandes contas de osso pendendo do pescoço, o peito nu, as mãos quietas no barrete, que erguem para as luzes os olhos cançados de medirem as linhas dagua, pelo o oriente das aguas! Olhae, olhae!... Erguem-se as mãos sobre as contas: — *Senhor do ceu, pelo descanço eterno!*... Resam, anciosamente... Um murmurio religioso e ancioso encaminha todas as almas — como todas as ondas, no mar errante, se encapelam umas sobre as outras.

— *Pelos do mar!... Bemditas almas! S. José de Riba-mar!...*

Soluçam... E como as aguas cançadas, depois que uma onda quebrou, as vozes de resa como

que arfam, que estremecem — anciando vida melhor, um sonho ainda mais infantil!...

Vinde vel-os — vinde ver que se engelham e cançam e sonham!... Mãos centenarias, já agora pesadas, já inuteis, levaram redes, todavia, crearam filhos e arrancaram ás cordas duras e fortes das lanchas!... Vede-as: gretadas e empedrenidas, parece que se quebraram, as mãos vermelhas; que se tornaram estranhas aos proprios corpos que as possuem... Sob o arco da egreja, entanto, o sol descobre, e os velhos clamam, comovidamente:

— *Que estaes no ceu, santificado seja o vosso nome...*

Ouvem-se choros soturnos... As aves cantam no beiral da capela.

— *...venha a nós o vosso reino...*

E a campainha agita-se, o povo curva-se, ondula, como uma nova onda que toma embalo para depois subir e rugir. — *Santos, santos, santos!...*; e as cabeças que de novo se erguem, quasi todas eguaes, parecem cobertas e barradas da cinza triste de uma lareira morta...

— *Que estaes no ceu, santificado...*

Vinde vel-os — vinde ver as faces engelhadas, embiocadas de preto, das viuvas; os olhos que se envidraçaram do choro, mortificados. Vinde ver as velhas do povo, gente que lutou e estreou, moças que foram de outro tempo — agora desfiguradas, de cabelo aspero recortado na fronte, boca rude e ensopada de cuspo, os pés descalços, a camisa do peito arremendada.

— *S. José de Riba-mar!... Sinhor do ceu... Os barcos, S. José, os barcos!...*

E, na infinita miseria e infinita tristeza, olhae a raça nomada a empalidecer, a minguar, a recolher-se em si mesma, como o ultimo fogo de um sol, sobre a barreira do mar!...

*

* *

Como um murmurio noturno dagua, na maré vaza, de todas essas almas uma oração melancolica se ergue, longa e inquietamente, a todo o momento cortada por um soluço ou uma exclamação, indefiniveis de tortura.

Nos rosarios do peito, sujos entre os cabellos crespos e asperos, toda uma *signa* fala; todo um destino, tão tormentoso como infantil, se contraria e afervora e combate!...

— *Pelos do mar!...*

E velhos angulosos, de pescoço fino, as mãos contra o peito, olhar e alma dispersos por uma infinita região de sonho, fixam abstratamente o espaço, as luzes tremulas do altar, a propria religiosidade das figuras curvadas de em volta — como se fosse num fundo escuro e quieto dos ex-votos piedosos!...

Mais enternecidas, outras figuras do lado, embiocadas na saia negra de viuvas, sobem os olhos todos numa angustia e enclinam melancolicamente a cabeça, com as mãos e o rosario postos na face, para uma suplica maior, entre choros e extasis...

— *Mortos no mar, que é deles?...*

Ha uma chama de espanto, de pavor e de morte e recolhimento, em cada um dos lumes tremulos do altar... Toques subitos, frios e tristes, de campainha, curvam e derrubam, até ao chão, velhas e venerandas cabeças de

tristeza e saudade e miseria... Um fragor de vagas como que se levanta, rude e incerto como a um vento, dentro dessa capela espetral onde todos os rogos se atropelam e como tentam subir, mortificados!...

— *Sinhora da Lapa!...*

— *Que estaes no ceu, santificado...*

— *S. José de Riba-mar!...*

— *Sinhora da Boa Viagem...*

— ... *que estaes no ceu, santificado!...*

Mortos da agua... cadaveres frios na agua... braços perdidos pelo infinito da agua aflita...

Estão no mar, santificados...

*

* *

Mas o povo volta de novo á rua!

Luzem ao sol aberto, de mil côres, os remendos vivos dos casacos, das saias e das calças enfoladas e rotas. A camisa de estopa abre em duas badanas no peito, onde os cabelos vegetam, crespos e como, cobertos de poeira, os tojos secos do monte.

Tipos grossos e cortados de verrugas, numa caraterisação excessiva de comicos, ferram os dentes no cachimbo, olham os ares e logo inclinam a cabeça parda para o barrete aberto nas duas mãos pesadas.

Viva onda ruidosa e facil, volta como se fosse num dia de festa. Esquecidos de todas as suas lastimas, heis que se apartam para todas as direcções, caminhando: os homens a fumarem e abstratamente fitando o longe; as mulheres seguindo a casa, embiocadas e com uma das mãos em *capela* sobre os olhos, numa revista interesseira ás aguas do oceano, agora limpas da nevoa e encaminhando algumas velas sob a luz do sol!...

O', lobos dagua, quanto é belo!

# IV

## *A minha irmã Helena*

PELA manhã muito cêdo — antes que a praia encha de frequentadores — ha sempre este periodo alegre para o banho das creanças que são «envergonhadas» ou medrosas, o qual é, das horas chamadas «da areia», a mais original e divertidamente agradavel.

São breves momentos passados num vôo largo de vida, sem *snobs* e *madamas* do baixo Minho, descobrindo as nuvens brancas do alto, que parecem correr a enxugar as cambraias humidas e rotas pelo orvalho da noite, e adormecendo um pouco ao marulho da agua, pelas ondas que vão e voltam, muito indolentes, da areia para as rochas e das rochas, mais anciosas, até ao nosso logar.

E', em frente de nós, uma primavera de côr, de orvalho e de luz!...

E lá pelo corte esfumado e longiquo da barra vêm-se ás vezes, no amanhecer, formidaveis pa-

quetes de trafego, com os cascos negros deslisando na agua e espreguiçando ao vento, tanto quanto a atemosfera o permite, a bandeira negra e longa do fumo da chaminé... Outras vezes são perfeitas caudas flutuantes de fusélas côr de cinza claro, que vêm, numa troça ardente e solta e elastica, passar e arquejar, num vôo, sobre as ondas mais proximas do areal; ou, então, garvosos grupos de lanchas que ao norte demandam a praia, com a colheita matutina da sardinha. E entre tudo isto o ar fresco, quasi languido, tudo harmonisa e reveste de graça. Todo o mar, a esta hora, não è menos azul do que o ceu.

Entretanto a gaiatada brinca e chora e rabuja, abrindo doidos leques de espuma quando tenta fugir ás mãos vermelhaças e pesadas dos pescadores avisados, os quaes mergulham na agua meio corpo do seu vestido de branquêta felpuda e clara.

De cada lado nos surgem bébés rosados e gordos, como leitões, que, erguidos sobre as ondas e contra o peito dos banheiros, choram, mal deixam escorrer do nariz a agua salgada

(agitando, aflitivamente, todo o corpo cheio de roscas), e clamam, anciosos, pela «mamã», pela «Rosa», pelo pae ou quaesquer outra das pessoas que distinguem, para que acudam áquele *perigo* cheio de prantos.

Simultaneamente, alguns outros vêm subindo o areal, já envoltos no lençol turco, mas gritando sempre, rabujando sempre, como para uma vingança de que se faz mistér. E a mim encanta-me esse ar aflito e grave dos paes, que se levantam e a um só tempo pretendem repreender e socegar os petizes enrolados no feltro, sendo severos e carinhosos, numa tremura de voz toda singular: — *Menino!... Vá.... Calou. Já não ha mais... Então, seu feio... Vae á mamã...* Porèm, o mimo do garoto aumenta, o seu choro redobra, e os pesitos gordos sacodem-se, cheios de maldade, pela abertura do feltro branco e comprido.

Ah! mas os mais interessantes são, ainda, os que, ao colo da creada, junto á lôna da barraca, recolhem com frio os pés sapudos e côr de cravo, fazendo um bico de *Amôr* de procelana, e destilando, com receio, um fio de baba

timido, comprido e todo azul! Doiradas como marmelos, as suas cabeças cobertas duma leve penugem de ave desnudam-se ao vento fresco da hora; os braços formam-se com uma carne rosada e tão fresca que parece de flôres; e no peito, esboçando um vigôr de formas que só vinte annos poderão criar e fixar, os dois peitos engordam com um raro carinho de beleza feminina.

E' por isso que o mar mais canta, doido de enthusiasmo; e que esta hora nos parece mais ampla e mais livre, em toda a sua frescura.

*

* *

Agora, quando todo o horisonte e todas as aguas se vêm iluminadas numa côr de azul diáfano, semelhante ao esmalte fresco de certos cristaes refratados pelo sol, com uma graça adoravel alguns bébés batem palmadas frouxas na tona anilada da agua flexuosa e quasi languida; e outros mais, para além de onde as ondas partem, vêm correndo e gritando, num

momento estirados sobre o leito baloiçado das vagas a amançarem, e dum só golpe estendidos, ou rojados, pelo areal. Da primeira luz do sol — linda e esparsa nesse plano alegre e revolto da maré — os seus corpos, todos molhados e trigeiros, iluminam-se, ao acaso, de frescos tons de rosa e azul. São como largatos, inquietos e voiando, os aneis de espuma que se alijeiram e enroscam em torno dos seus corpos elegantes de éfébos. E' assim que ás vezes as vagas os surpreendem e batem, nesse floco de neve espanejando e correndo, quando, todas anciosas, tentando voar até ao cimo agudo das rochas, inevitavelmente se abatem sobre si mesmas — levantando em redor uma flora exotica de espumas.

*— Vá, menino... Já não ha mais... Acabou-se...*

---

V

HOUVE novena nas *Dôres*, ao fim deste dia, — ha pouco mais de uma hora.

Sabem o que são novenas?...

Eu sei e digo que gosto. Digo-o sem pejo e sem temôr de me contradizêr nas minhas razões anti-catolicas.

Gosto, pois; e na provincia procuro-as.



Fui hoje ás *Dôres*, quasi ao fim da tarde, e só. Pelas ruas que nesta vila ficam para o lado norte, ao fim da tarde quasi que ninguem passa. Ha em tudo um silencio e repouso deliciosos. Emfim: pode uma vez sonhar-se em plena rua e ainda á luz do sol, sem receio de que o sonho se interrompa, de uma janela que se abra, ou por alguma pessoa que de acaso faça o cruzeiro do ar livre.

As ruas sós e cheias de sol, em terras estranhas, são de uma romantica felicidade. Eu, pelo menos sinto-o; e goso nas horas em que por elas vou muito vagarosamente... Fazem-nos bem esses logares tranquilos, onde, sobretudo, nós temos a doce ilusão de parecermos a todos mais ou menos *estrangeiros*.

De todas as janelas cerradas; da côr alvadia dos predios pobres, embrexados entre os palacetes abrazileirados da gente pomposa; de todo este ar de sonho e abstração que dá alma e atitude ás proprias folhas que a ventania, com a poeira, espalha; de tudo vem, sem duvida, um socego enternecedôr que nos conforta de muito atrito todo em sangue na nossa alma, de muita melancolia ganha das bondades e amisades mal retribuidas; emfim, de todos os nossos desgostos...

*

*   *

Fui vagarosamente, como quem vae para se curar a si proprio ou para augmentar a sugestão do seu mal...

Gente que fazia renda e removia as agulhas da sua meia, sentava-se tranquilamente pelas portadas. Para ali já não se encontram albergues sujos de pescadores; vive, canta e trabalha, mais limpa e airosa, a familia operaria, que na provincia é rasoavel sob todos os pontos de vista moral, politico, educativo e domestico, porque é bondosa e interessante. Chega-se, mesmo, a ter-se-lhe amisade. Todavia as pessoas que se encontram são sempre poucas; e dessas o maior numero é o das mulheres que costuram dentro das suas alcovas pequenas, com muitos santos pelas paredes, duas jarras de vidro em frente do toucador envernisado, a machina da costura, o leito domestico (de catre alto, com ampla e fôfa coberta de renda de algodão), e á janela, correndo para o poleiro ou para o bebedouro, ao acaso, um pintaroxo traquina, dentro da gaiola de arame, muito antiga.

Por longos bêcos, caminhando por travessas alvadias que tinham na barra de cada varanda o pote de serpão—quando cheguei lá acima, ao adro, entravam varias mulheres do povo, e entre essas algumas poveiras velhas, com a saia

de saragoça sobre os cabelos recortados da fronte.

As aves cantavam cá fóra, ao sol, pelas mimosas de folha em renda. E lá dentro cantava-se... Vozes de mulheres, quasi infantis, entoavam melancolicamente um cantico, acompanhadas pela voz de um orgão suave e lento...

Senti-me bem, nessa hora!...

Nunca assim tinha ouvido cantar, na minha vida! Parei, então, a escutar... O largo estava deserto e uma melancolia enorme, obra estranha desta natureza de tortura em que me sinto preso, começou a espalhar-se e a modificar a preocupação de me distrair, de ver, tão necessaria naqueles instantes.

Não, eu nunca tinha ouvido cantar assim!...

Como se fosse uma evocação de velhos tempos e dos sentimentos passados, um estado de alma (pleno e perfeito e sujestionavel), vivia puro, completo, dentro daquela musica. De que me falava? Que sujestão trazia? Nenhuma... Ou antes: uma grande e profunda sujestão, força convulsa que revolvia mil coisas sepultas e obscuras e comoventes, dentro da minha alma; mas

ás quaes era impossivel dar nome, palpar-lhes as fórmas, destrinça-las, reconhece-las. Coisas tristes, abandonadas e profundas, que, creio bem, formam essa especie de vala escura e pesada para onde vão rolando cada uma das pedras dos nossos desgostos, no produto amargo das penas cumpridas, predestinadamente, e dos ideais irrealisados, por este mundo...

Afinal... quasi tudo saudade!...

*

*   *

Cantava-se alto e longa e melancolicamente.

Na paz adormecedora do fim da tarde, a que não era estranho o sussurro longinquo das violencias e imprecações do mar, as arvores e a luz concentravam-se, com olhar de muita saudade, impressos na côr avermelhada daquele ultimo sol poente, que se enternecia e ia desmaiando... Do musgo negro das velhas pedras uma expressão de pobreza e de dominio amargo, feria e comovia, a meio daquela paz quasi de sonho... O canto feminino e dorido

da novena continuava... E o sol levantava mais, enfraquecia continuamente, como alguem que arrumasse a sua tenda ao fim de um arraial que fora alegre e agora se despovoava...

Vim descendo, a pouco e pouco, a ladeira. Pelo caminho, já a distancia, ainda se ouvia o côro de enlevação, que tanto mal me fizera. O gaz verde foi-se accendendo a espaços, com essa côr de melancolia das barracas de miseria, nas feiras, que tão profundas impressões de pena suscitam. E eu entrei, contrariado, entre o rumor contundente da Baixa populosa.

# VI

*A Manoel de Sousa Pinto*

Ao domingo o poveiro anda na rua (pela sua terra) como os brazileiros num arraial: lentamente e gosando.

Pelas ruas todas — da *Lapa* e das *Dôres* ao mar — hei-lo que passa e que fuma, todo tranquilo, não tendo maior sensação do que a certeza de que o ar circula e o sol cobre os telhados... Veste de fresco e *de composto:* sapatos pedrezes de trança, boina hespanhola aos gomos verdes e brancos, casaco e calças de saragoça castanho claro, camisola de baetão negro; e dispensa as meias nos pés inchados das aguas salgadas com que de dia a dia moureja.

Não se dirá, no entanto, que entre esses poveiros e o cavadôr dos campos de Entre Douro e Minho existe uma extraordinaria diferença de tipo rustico. Hoje, que todos os vestuarios, como os cruzamentos das classes, já não repugnam á grey dos maritimos, se substituissemos, ao poveiro, a boina, a camisola e os sa-

patos de trança, por um largo chapeu de pasta, uma camisa de linho da terra e as chinelas grossas do bezerro branco de Guimarães, teriamos os dois tipos absolutamente irmanados, mesmo no córte das suissas, na auzencia de bigode e um pouco, ainda, no desmaneiro do modo como se vestem.

A mulher poveira, um pouco menos.

As saias arrofegadas da sua visinha lavradeira da Maia, é certo, ela as possue. No restante, porém, o seu tipo é mais caracteristico do que o do homem; porque os casacos da poveira são sempre escuros e todos fechados e grossos; o seu lenço aperta-se ao redor do pescoço de um modo differente do de todos os tipos de lavradeira, e a sua saia é, em geral, do mesmo ou de um mais pesado baetão que as camisolas do seu marido, de seu pae e dos seus irmãos.

*

*     *

Caminhando fleumaticamente pela rua — alto e troncudo como uma figura modelada em

solido bronze — o poveiro tem a expressão de um individuo que gosa, conscientemente, uma regalia de absoluto e orgulhoso direito.

A's vezes, com um filho miudo pela mão — de gorra vermelha e camisola pedrez — esse homem alto sugere, num *boulevard*, um touriste inglez apertando nos dedos, comicamente, uma figura liliputiana. O pequeno — coitado!... — bamboleia a barriga, atropela os pesitos côr de pão de centeio, faz a boca em bico e os olhos meigos. O poveiro, porém, da superioridade do seu tipo arrebanha, ás largas passadas, a figura chorinca do filho; e fuma, olha, impõe-se, como um animal nomada e estranho que a momentos tem zelos de confundir-se ou, melhor, de se tornar inferior entre os demais.

Porque o poveiro tem o orgulho da sua coragem e da sua independencia. Ganha o pão pelo arrisco da sua vida; faz a sua aprendizagem pelo esforço proprio; a arte das suas velas e das suas redes foi ele que a creou; conclue, assim, que nada deve ás outras classes, quer material, quer politicamente; e, desse modo, ergue-se, orgulha-se, caminha resoluta e forte-

mente, sentindo-se, atravez toda a vida social, superior a todos e superior ao proprio amôr da vida.



Neste café onde escrevo e onde (diga-se de passagem) duas malditas bolas de bilhar me aturdem, vibradas pela cavalgadura de um brazileiro prospero e pingado de berloques, estou a vêr passarem, alem da portada que me fica fronteira — neste domingo fresco de setembro — uma serie de poveiros que aqui na sua terra, repito, caminham tão lentamente como um brazileiro e *as primas* no S. João de Braga.

Tipos de bronze luzente (mordendo o osso do cachimbo com uma fleuma admiravel), o mento e o labio superior ficaram-lhes cinzentos da barbeadela, como se fosse na pintura e arranjo de uma figura de terra-cóta.

Nos grupos que passam vae o marido á frente, de mãos nos bolços, fumando e arrastando os chinelos, indiferentemente. Atraz, a passo miudo e com as mãos como metidas con-

tra o estomago, vão as mulheres, a trez e trez, cobertas pela cabeça com a saia negra de vinte prégas. E assim atraz de um grupo passa outro grupo, em procissão, não só pela manhã, mas toda a manhã e toda a tarde; até que á noite recolhem mais cedo, para cedo caminharem para o mar, na segunda feira, ao lusco-fusco, entre as nevoas.

Faz sol, agora. Um sol viçoso, alegre, que não é quente nem frio, mas sómente alegre, muito doirado e muito perfeito. O maldito brazileiro meteu a bola vermelha ao bilhar, e atira-se ás trez como que a murro. Num outro café, ali em frente, um tipo esguio, hespanhol e vestido de flanela branca, marca levianamente ao piano um trecho da *Tosca*, e logo da *Verbena de la Paloma* e já, mais vertiginosamente, uma valsa solta, de musica leve e fresca, cheia do ar azul e da beleza do sol, que parece dançada, num jardim de vivenda estival, pelas rosas e pelos silfos. Passam meninas inquietas, do seu banho regalado, desfrizadas e de vestidos azues e soltos. E emquanto o piano dá os primeiros compassos a uma dama hespanhola, num

trecho desenvolto, sensual e original, digno dos terraços arabes de Sevilha, deixo as sugestões de volupia e de flores escarlates que essa musica me provoca e fecho esta epistola domingueira e inconsequente no mesmo instante em que mais um poveiro, vestido a rigor e seguido das classicas trez mulheres de escuro, passa e sopra para os outros, indiferentemente, o fumo cinzento do seu cachimbo curto.

---

# VII

Os jardins á beira-mar são mais belos e mais atraentes, pela rasão de serem mais raros. Eles vivem a sua frescura e colorido alegre, estranho entre a planicie forte e arida dos areaes enormes, como certas creanças saudaveis e vestidas de garrido a meio de outras e muitas creanças que a doença e a tristeza tornaram, ainda que simpaticas, de todo inertes...

Porque eles são o orvalho e a côr!

Logo atravez os duros e estilisados gradeamentos do jardim, olhando para todos os lados, eles tem a graça e a originalidade do vestido de chita, garrido, a estriar. Mil côres, muitas côres por toda a parte — nas flôres de ervilha, nas dálias e nas rosas — que são as ultimas. E então, ao fundo, dos alecrins e dos ramos dos limoeiros para cima, alçam-se logo as escadas de lioz, todas recurvas e suaves e polidas — ás duas margens do predio

— como se fossem recurtadas em borracha e nunca pés humanos se tivessem trepado e sacudido...

De uma das colunas solidas onde embruxa o gradeamento ornamental do portão, pende — *indicativamente* — o cadeado da campainha barulhenta que os burgueses, por um acaso feliz, adotaram do uso senhorial e conventual. Mas quem não teme agitar com mais vigôr essas correntes suspensas, na duvida de que todas as janelas instantaneamente se abram e em cada uma surja a interrogação de uma cabeça, preguntando o que se deseja? Quem o não duvida?... E' verdade que todos tentamos tocar o menos ruidosamente possivel; e é verdade, tambem, que todos tocamos com algum temor... Quem será que nos aparece?...

Em seguida um homem vem, hortelão musculoso, de tamancos, as mangas e as calças arregaçadas, crespos e a tufarem-lhe no peito (pela abertura da camisa) uns cabelos selvagens e aridos como a carqueja, trazendo na mão, aquele enorme chapeu de pasta, amarelo, que os sóes cortiram como se fosse de bezerro.

— *Salve-o Deus, senhor. Um creado de vossa senhoria...*

Irto e retezando as cadeias, o esperado cão de Castro Laboreiro arremete, abrindo os dentes de agulhas de marfim num fucimho comprido e aspero, de lobo. O portão bate de novo. E logo se coleia por uma *avenida*, rente ao muro trepado pelas roseiras, que já vão perdendo todas as pequeninas flôres amarelas de «Marechala». Por sobre as pedras do muro, em linha geometrica, corre ao longe um mar azul de aguarela, com algumas velas brancas e como de *yacht,* levantadas e correndo no sentido de ajudarem o leme a fender as pequenas ondas que arqueiam na sua frente, vindas do sul. E seguem-se, então — dentro da frescura das folhas — os quarteirões desenhados em *coração,* no debrum do buxo quadriculado; os bancos pintados de verde, porque passou a vassoura de junco, e onde, teimosamente, uma ou outra folha amarela e secca descança a mandria... E dum lado e do outro, sempre o mais inexperado e originalmente possivel, tufam-se aqui e ali maciços de flôr de hervilha,

em rosa e branco, sobre a terra sachada e regada.

Ao fundo desses garridos, singelos e elegantes jardins do estio, da discrição das janelas corridas e erméticas até ao *bris-bris* italiano de renda creme, tudo expressa e fixa um môrno sentido de conforto, de solidez e de meiguice!... Lá dentro quem viverá?!... Oh!... nos acolchoados e comodos *divans* das salas de leitura — ecleticamente simples e modernos — visionam-se fortes mulheres de pele morena e doce, á meia luz de uma janela que impede a torreira do sol alaranjado, vestidas pela graça explendida dos linhos encruados e frescos. Mas das plantas do terraço á louza negra dos telhados a luz do meio dia tudo incendeia e paralisa, como numa iminente e tragica insolação de elementos. E, nessa quietitude, canta, entretanto, argentinamente — ao friso de uma portada — um canario iludido. O estridulo da ave doirada, devaneadôr e contente, como que todo o espaço impregna de uma alegria salutar, atractiva e, sobre tudo, despreocupada. «Cantem as aves de oiro, que toda a vida é um

estio e um jardim cada um dos aspectos» — poderia ser esta a legenda sintética de uma grande obra critica acerca da nossa existencia afétiva. Nas aves, com efeito, uma ideal independencia resalta e se impõe — tão notavel, essa, que usa dizer-se, e bem, que pelo vôo e pelo canto das aves se sentiram as primeiras inquietações da vontade humana.

*

* *

Nesses logares de ábeira-mar, ante os pavilhões alçados e de uma grande nobreza exotica, as rosas são um mimo entre o verde aspero das folhas de silva; os cata-sões erguem, por sobre todos os maciços fôfos de verdura, a sua flôr em *pão de ló,* recortada e pesada; e os jardins, na hora quieta, clarificam-se lindamente, pelo sol, como vistos atravez um cristal.

E então, no logar onde os caramanchões se estofam numa vegetação acamada e afofada até ser pesada de verde, ao centro do tanque glauco e ondeado pelo játo da agua, em arco,

dois meninos de barro cosido travam do braço, resguardam-se do sol e urinam presenteiramente para a bacia debruada de flôres.

Oh!... que pecado incivil... tão digno de uma egloga!

*Mimi*, a esposa de sete annos sente-se feliz com aquele *Zéca* da mesma edade que troça das flores e do alinhamento do jardim fidalgo, urinando para o meio da taça do tanque, na impossibilidade de urinar para o meio de tudo e talvez, mesmo, para a cara brazileira e trigueira dos proprietarios.

Aali se enleia os dois, sorrindo e troçando, entre o segredo das folhas que encobrem e que se empoálham de sol.

Sómente, ás vezes, as damas passam e surpreendem-nos. O mesmo sorriso e a mesma tranquilidade, irreverentes, ficam vivendo e troçando em face das senhoras que então param, sem maus pensamentos... E *Mimi* ainda lhe trava e braço e ergue o chapeu de zinco, pintado: e *Zéca,* com os calçotes arregaçados e os suspensorios lançados ao hombro, continua repuxando em arco para o meio do tanque, a

principio com vergonha, depois com ousadia e certa covinha de mofa picando-lhe a bochecha gorda.

Mas, dispersando pelo jardim, outros encantos de côr prendem os olhos, em toda a parte. O mar, ao longe, continua correndo naquela mesma linha que o muro alto geometricamente traça e como sustenta. Passam ondas alegres de gaivotas, num requebro de corpo todo indolente e harmonico. E para um lado erguem-se minusculas canas da China, todas arvorecidas de multiplices e pequeninas folhas côr de lacre; lá adeante — meigo entre a verdura espontada e humida — dispõe-se um quarteirão portuguez de *boas-noites,* tinto de vinho e branco; lá aparece, mais alem, um molho galante de *canas indicas,* cuja flor amarela e sardáda de fogo daria uma bela estilisação de capitel igipcio; e as *resêdas* amarelo doente, que ficam bem quando apertadas num decote avermelhado; os *amôres-perfeitos,* entretidos á sombra, de que as raparigas da minha terra tanto gostam; as heras a treparem por todos os troncos, que ha quem diga que são «palavras»;

e os vasos semeados, os *mangericos* de flôr azul, as *dálias* vermelhas e despenteadas, as *begonias* em côr de prata e fogo, as *sécias* vestidas de roxo e a murta triste e sem perfume — tudo floresce ao sol!

A' beira-mar os jardins são mais belos, pela razão de serem mais raros...

E areias seccas e ardentes e perturbantes, começam a espraiar-se desde onde os muros vedam esse pomar de sonho e graça que são os jardins.

De cada lado, mordendo o olhar, ora vive o oceano quasi quiéto e onde a luz do sol como que reflete cristaes, ora a monotonia das areias caminhando em leguas e leguas de praia arida, das quaes se exala um calôr de forno, pesado e abafado, que entorpece!...

E' como que o perigo de todo o solo em combustão interna — sequioso, asfixiante e insaciavel.

Para os retalhos alvaiados do burgo, ao longe, faiscam sobre o vermelho dos telhados lar-

gos e derrubados, os globos azues e vermelhos das claraboias, ao gosto arabe. Copas verdes de laranjeiras, sobre alguns muros caiados, mostram ainda ao sol os fructos quentes! O ar é de fogo. E na esteira do oceano -- vitrada e quasi dormente — algumas velas viajam e ganham, ao longe, sob a atmosfera congestiva e cinzenta, o seu pão torturado de cada dia.

---

# VIII

*A Antonio Carneiro, pintor*

PARA as grandes rochas dentadas e negras do musgo e dos moluscos, que estacaram um dia á beira-mar, fitando o longe, trépa, atira-se todo, violento e contente, o povo despreocupado dos campos.

Lá em cima — cabelo e lenço descobertos e ruflando ao vento — as rudes figuras, dispostas contra a luz, tomam relevos duros de estatua, paciente e sentimentalmente olhando o longe... olhando-o com moleza contemplativa!... quiétas e meditativas em frente do enorme esquecimento daguas que desde as rochas se desdobra até ao infinito cinzento da barra, difuso pelos vapores caniculares da tarde vibrante e ardente!...

Porque no mar, como no campo, nós, os do norte, somos contemplativos, e, por esse mesmo motivo, religiosos!...

Foi um deus enamorado da musica das arvores e do mar, dos movimentos indolentes das

folhas e das ondas, da passagem tranquila do Sol e da Lua, quem — na continua viagem do sangue erdado, que tudo adquire e tudo propaga — nos deu a todos este vago perfil de extasis que enternecidamente se volta para o infinito das serras e das ondas, tornando a muitos imigrantes por gosto de sofrimento e embarcadiços pela sêde nata e insofrida de desconhecido... E mais, ainda... Dessa estranha absorvencia de ternura — da qual resulta, a cada momento, o desdobrar-se mais e mais todo o fundo ideologico, indolente e comovente da alma primitiva do povo maritimo e serrano — produziu-se a consequencia megalomana e ingenua que refrata a poesia das côres e das musicas, das imagens e dos ornatos, da grandeza e da crença, tudo por aspiração e sonho, alimentados pela mesma circumstancia infantíl do sentimento religioso.

Nas rochas, assim, o povo descobre, extaticamente, as ultimas linhas de agua, e escuta, e sonha!...

Vem desse encanto e prisão, mais contaminantes que um ácido, o desejo e a quasi paixão

que o cavadôr do norte dedica ao oceano, por cujo agrado anceia, em cada estio, voltar a vêl-o, para novos sonhos: — *O' mar das lagrimas, dos ventos!*... E deslumbra-se todo!...

Todavia, se a cada um deles fosse reproduzida esta verdade, certo que um grande riso incredulo se havia de produzir. E, no entanto, é absolutamente verdadeiro. O povo volta ao mar porque é com o mar que melhor se «abre» e se encontra, e porque lá deixa longas inquietações nervosas, arrastando a par de si mundos mais tranquilos de sonho e de enternecida contemplação, nas lembranças que de cada ano lhe restam.

Porque a tristeza da raça, sabei vós, é uma enorme e constante necessidade de sonho!...

A sonhar, a levantar e a arfar o seio forte para o infinito correntio das aguas verdes—que parece que vão subindo e desaparecendo—se imobilisa e esquece, e espiritualmente se desdobra, a mulher amorosa do lar serrano!...

Lembranças de alguem morto no mar?...

Esperança?...

Não — apenas a nebulosa intima do seu modo

de ser meigo e religioso, obscuramente embrionario, mas latente.

Para eles: «uma especie de saudade!...»

*

* *

E lá no alto das rochas o povo esquecesse a tarde toda!...

A' sua volta — luzindo, cantando e gritando — areias, ondas e creanças vivem todos sob a hora de fogo em que o sol levanta o vôo mais alto das suas largas azas doiradas! O marulho das ondas, a desdobrar continuamente, enerva, tão violento elle é, e constante, e musicalmente egual... Todavia o povo sonha — quieto sobre o negro promontorio das rochas; e fixo, e enternecido, nos olhos, nada mais vê que o longe sempre silencioso e cinzento... O sol continúa declamando e voando, gloriosamente! Dir-se-ha cantar, então, a viagem gloriosa dos Argonautas no mar azul e correntio da Atica. Lá adeante, onde as barracas derrubam os seus grandes toldos (como, contra o sol, altos e lar-

gos chapeus de lona), os vestidos de fostão propagam uma grande nota crua e incomoda, semelhante ao caleado mordente de um muro do campo, sobre o qual se suspendessem, como as sombrinhas vermelhas da praia, largas arvores incendiadas pela combustão violenta do sol.

E o povo, viciosamente, sonha!... A's vezes alguns levantam-se, e atravessam, com modos de creança, sobre os altos dentes negros das rochas. Então o seu cabelo, como os seus lenços vermelhos, levanta-se e espaneja ao vento!... Outros, ainda quietos, sonham e escutam... O mar, no longe batido do sol, fixa numa patina de prata, que prende, que atrae e que extasia!...

*

*   *

E a tarde continua desdobrando e apagando-se...

Ao sul, para *Aver-o-Mar,* um formigueiro de creanças vestidas de azul e cobertas de duros chapeus de palha, do campo, correm todas das areias para as ondas, como um bando de

passaros batidos a polvora, que agora vão levantar vôo, em curvas longas e elasticas, a cortar sobre o oceano. E' uma créche a banhos. Sobre o areal, lá mais além, poveiras de lenço contra a luz concertam rêdes, aninhando-se em frente da imensa teia de aranha que alastraram, negrado e tinto do mar. Por fim, no ultimo desenho desse golpe de vista enorme, ao extremo de todo o rastro extensissimo e monotono das areias, são as mêdas do sargaço, anafadas e redondas como as *basilicas* de uma procissão, que se suspendem a meio das areias; e, erguendo-se do fundo, entre uma longa linha de casario claro, a torre sêca e aguda de uma egreja, aparta, despoticamente, ao centro de todo o horisonte, as casas pobres para o arredor averdiscado, e as lanchas da praia para as aguas bravas do oceano.

*

* *

Mas aqui em frente e ao longe, onde os nossos olhos se perdem, a linha do mar continua fôsca, cinzenta e esquecida...

Extasis religioso daguas!...

Sobre a traiçoeira posição das rochas, com as raizes submersas a meio do mar, no logar da «barra», batem e arqueam e precipitam-se ondas e espumas sem fim, caminhando de lá, com o impeto, a decisão e a raiva dum tropel audacioso de cavalos selvagens, até ao plano ardente das areias da praia. No longe, porém, tudo é timido e socegado e enlevado, como se as aguas lá vivessem sob a sugestão de uma musica eolia, chegada e dispersa com o vento!... E de subito, aos nossos pés, a toda a hora do corpo corajoso do mar, atirado de seio duro e nu contra o dique bronzeado das rochas, se produzem continuos reflexos de prata, aureolando os grandes cabelos crespos e espessos e dramaticos, em que se inflamam as espumas!...

...O povo, entretanto, sóbe e pára e desce, no abismo das rochas dentadas e perigosas, levando ao vento as roupas vermelhas — belo e feito cromografico na tarde de oiro!...

# IX

*A João de Barros*

Dois velhos grados, com fisionomia de meninos, sentavam-se hoje, ao fim da tarde, na bancada enorme do *Paredão,* e àcêrca de pescas e de vida caseira filosofavam os dois, tranquilamente — um arrancando fumo ao cachimbo, e a pisar com o dedo o fogo que o vento lhe desejava levar; o outro, todo vestido de saragoça azul e de carapuça preta a tufar-se-lhe no alto em barrete de dormir, erguendo sobre os olhos as duas mãos, «em pala», para vêr as lanchas da pescada, que começavam a entrar.

Perto dos dois me sentei, que o vento era brando; e vim a saber que o poveiro do cachimbo, moreno e com a boina preta queimada do sol, se chamava «*ti Tonio*»; e o outro, o mais velhinho e miudo dos olhos, de contas azues de rezar no peito, se chamava, curiosamente, «*pae Zé*».

Ali estive interessado, escutando aquela al-

garavia dos dois pescadores *reformados,* que é uma pronuncia imbaraçada, produzida pelo nariz e pela garganta rouca em dois sons simultaneos—em agudos de flauta e fundos e asperos tons menores. Tentar reproduzir isso que ouvi seria trabalhar em vão. Aquilo é deles, lá para eles, e, já agora, com eles. Se assim não fosse, de que nos poderia servir? Perdia-se, digamos, a *côr* que as proprias figuras pitorescas associam á sua linguagem pitoresca; e dava apenas, o que com eles se póde dizer é belo, uma gramofonia singular, mas sem duvida alguma muito incompleta.

E, entretanto, a pouco e pouco vinham as lanchas subindo o mar, e foi entardecendo, mais e mais, a cada momento.

Ao longe, para os lados de terra, e nesse instante já destacante, a *moda* resfolegava as penas de ave branca, caminhando na direção da *Avenida,* atravez o jardim do *Passeio Alegre.* Abriram-se no espaço muito azul, de «fresco» grego, as grandes nuvens doiradas e quentes e esparsas, que semelhavam aguias reaes num vôo heroico. As flores, no jardim que termi-

nava cêrca de nós, ameigavam-se, nesse esboçado e quiéto claro-escuro do anoitecer. E as velas, dentro do oceano, vinham subindo mais; erguiam-se esbeltas como as lanças guerreiras, num cumprimento decorativo e altivo; e, aos poucos, avançando no mar todo oiro dos reflexos impressivos do entardecer, como seguiam anciosas para a praia da algaria e dos altos rugidos de vaga, onde as esperavam as mãos pobres da sua gente e as areias humidas do seu repoiso.

Ancioso sobre as pedras, o mais velho dos pescadores olhava o longe, á procura entre as lanchas que entravam. Eu parti. Cá de mais distante, ainda olhando para onde os deixára, aquele velho erguido sobre as pedras, interrogador, trazia á volta da sua andaina azul-escuro como que um nimbo de oiro, belo e novo. Sugeria-me, no arqueado academico do braço que lhe elevava a mão pesada até aos olhos, uma figura modelada e tratada, prova a fogo num bronze duro e admiravel e eterno. A sua carapuça tufada dava-lhe um caracter extremo de rusticidade e valor. E as proprias lages de

em volta, todas já negras da contra-luz destacante e como procurada num arranjo de quadro, pareciam erguel-o — simbolo rude e antigo e forte — num pedrestal colosso e imenso de barras, ante a audacia do mar.

*

* *

E o oceano, entretanto, a cada instante transmudava de côr.

A's velas altas, que iam descer-se na arriba, projetava-se-lhes uma sombra azul-fundo e nobre, na deanteira do capêlo. A' casca das lanchas penduravam-se as redes soltas e vergadas e molhadas. Como sombras altas e inquietas, a marugia lutava ao sopé das vergas. E do outro lado, lá para a fornalha enorme do sul, onde o poente tomava uma côr vibrante de bronze em rubro, imensas lanchas, pressurosas, vinham correndo na sombra aveludada da sua esteira. Uma estrelinha inquieta luzia no azul ingenuo do alto!... E entre as vagas impetuosas da ribeira as cargas prateadas rolavam dos

cestões da companha para a areia puida e humida, como se fossem as barras que, dum mergulho violento e fundo, as mãos de saque tivessem arrancado ao tesouro oculto e maravilhoso do mar.

Meia cidade (como uma vaga, tambem) subia e descia a ladeira da praia, até á qual as ondas fluxuosas tentavam correr e esbracejar. A essas figuras agitadas e vivas, o sol, de longe, iluminava-as de fogo, quasi vermelhas. Erguia-se sobre os seus pés a cauda violenta das vagas, como um leque de plumas brancas que a cada momento se abre e cerra, e de novo se desdobra e se agita. E então alguns vultos curvavam-se, para mercarem; outros, como em romagem, seguiam vendo; outros, ainda, vindo a descer, cortavam por entre as lanchas que lá em cima repoisavam. O ruido de uma feira de camponezes revivia nas vozes e nos gestos comediograficos dessa praça alegre e algariada de vestuarios!

Abrindo alas no mercado, as lanchas que haviam chegado, rodando sobre os toros de pinheiro iam trepando, arrancadas, como sob

aço, pelo costado recurvo e forte dos pescadores. Esse grito violento e clamorante de *E' la riba!...*, mais agudo e esforçado quanto mais o colosso negro da lancha se alçava pela subida lenta da praia, soava de todos os lados, congestionado e rude, como uma afirmação extrema de guerra. Era tão delirante, tão acceso e rubro como a febre, esse movimento de barcos, de pescadores e de feirantes, aquecido e lustrado pela ultima restia do sol que abrazava a distancia. E já então outras velas partiam, erguendo a grande aza triangular, como que a um vento novo e agil, voltadas para o sul!...

De todas as lanchas que iam partindo, as legendas expressavam sempre ou a devoção a uma imagem, intencionalmente fixada, ou um grito enorme, quasi aflitivo, de alma dramatica.

Arqueando nas vagas, e lesta como umas azas de gaivota, seguia na frente, toda amarella, a *Devoção a Jesus;* logo atraz, erguendo e desembaraçando as vélas, principiava a bater os remos nagua verde a lancha *Martyr S. Sebastião*, tinta de lacre; mais atraz, ainda, mas

como disputando o golpe alto das ondas, seguiam outras: a *S. José de Ribamar,* a *Senhor S. Bento,* a *S. Torquato orae por nós,* a *Senhora da Aparecida,* a *Deus vá comvosco!* Todas procuravam desapparecer, correndo atraz do sol, que havia desaparecido. E crescendo com ancia nas vagas, arqueando e correndo quando as vagas arqueavam e corriam á aventura, pareciam partir sorrindo, de vélas tomando o vento, por amor e por destino!...

Desde esse momento, e aos primeiros tons de um luar que em breve sería esplendoroso e argenteo, a ribeira das lanchas começou a despovoar-se, já meia envolta naquele silencio e luz noturnas, que lhe dão a grandeza e o encanto de um grande quadro lendario e tranquilo!...

As ondas, entretanto, como azas que se abrissem a momentos, espreguiçadas, iam ruflando e subindo, molhadas de prata sob o luar!...

---

# X

*A Raul Lino*

PRIMEIRO ouviu-se uma sucessão de estampidos violentos, chocando-se no ar como granadas; depois todo o ar assustado se refez e limpou; continuaram luzindo e sorrindo os astros, e o mar, impetuoso, continuou a fazer-se escutar, pelos arrancos consecutivos da maré.

— *Ah!...* exclamaram, abrindo em flôr, uns labios bonitos.

Era a primeira grinalda luminosa da noite do arraial, aflurando ociosamente na escuridão, em flôres de lilaz e prata!... Breve, porém, a negrura ambiente regressou, e como que se recolheu comsigo propria...

Bradava o mar, sem descanso. Era um sabbado, vespera da *Senhora das Dôres*.

A' beira-mar, naquela noite, imensas pessoas, em grupos aqui e além, vieram gosar o espetaculo dos reflexos dos fogos no oceano. Por qualquer parte se encontrava um rapaz in-

dolente, todo estendido na areia e com a cabeça encostada na aba da sua noiva. O ar era de rosas, aromatico e fresco; e as estrelas, no alto, semelhavam divertir-se e dialogarem.

De momento a momento, as aguas pareciam, ao longe, que se esclareciam, que se animavam e vicejavam, iluminadas sob o cacho de glicinea dos fogos! Depois voltava a soturnidade, a desillusão, a melancholia... Eram todas as aguas sepultas, de que nos vinha como que um ressaivo de choro sufocado e escondido...

Verde e trepando o espaço, como um lagarto, um fogo ousado e estreito pareceu colear, então, por meia abobada, colado, inofensivamente, aos astros. Trepou e abriu!... Era um farrapo de crepelisse côr de lacre, vivissimo e fresco, arrepiando-se em leque e logo arqueando num grande cacho mole e vivo e fresco! Na sua cauda extensa floriam todos os brilhos orgulhosos do pavão incomparavel de Juno! Floriam as flôres, por sua graça! E descendo, fumegando, sobre o esplendor das aguas — ardentes a todos os momentos, como um grande oceano de rosas — cada uma gota se apagava vagarosa-

mente, cada uma côr se fechava e parecia emudecer!....

Voltou a noite, em redor!...

Um formidavel bramido de onda produziu na praia um eco estranho e longo, como se fosse um protesto... Sentiu-se a renda sensual das espumas abandonando toda a sua cauda indolente pelo areal deserto... E num momento — pela claridade que morrera, pelo fogo que gravou subitas e animadas sugestões — o espaço pareceu mais escuro e mais curto, e o oceano mais perigoso e mais proximo!...

Morosa corria a noite, e os astros descobriam, intensamente!...

Era como quem gosava o espetaculo de um sonho, deitado sobre plumas. Com as mãos presas e ardentemente sofreadas por outras mãos — como o cordeame que se distende nos mastaréos — sobre a dureza da areia a noite era voluptuosa, á maneira do ritmo das vagas e do aroma preguiçoso e embriagante das algas que florescem!...

E então, original e curvilinea, uma nova serpe de fogo tentou a conquista de um astro, de surpreza!... Rompeu ao alto, audaciosa

como uma lança! Mas eis que abre, impotente, a meio do caminho, toda azul de turqueza, mineral, e diademada de prata!... No mar, ao longe, uma onda avançou, toda azulada e crespa de oiros, como num conto fantastico. Depois, envolvendo, perdeu-se no escuro infinito... Vinham junto á terra as ultimas lagrimas do fogo, desfeitas. E de novo, absorvendo tudo, a noite repousou e petrificou como um imenso bloco de ardozia.

Na aragem branda da hora inesquecivel chegavam do longe, aos farrapos—como de entre as labaredas de oiro de uma queimada distante—os ecos violentos e esparsos e incertos de uma musica de aldeia. Lá em cima, no arraial que se não via, deveriam os festões de murta guiar os lumes de côres de mastro a mastro, numa decoração e desenho pitorescos; pares, bailando, formariam o floco vivo da festa, e, ao redor dos palanques, fumando e bamboleando a cabeça, com sôno, os marujos velhos entreabririam os olhos da sua saudade para os lumes alegres que esvoaçavam por toda a parte, acima dos homens, como borboletas vermelhas.

*

* *

Mas eis que abre de novo, sobre o oceano, ao alto, um chorão vistoso, côr de laranja e ornamental, que deixa rolarem sobre si mesmo todos os grandes flocos doirados, e que logo se transfigura e amolece, colado ao corpo que o erguera como um longo e doirado vestido de baile! Cingem-no o fumo e os brilhos, como a uma enorme flôr aerea sobre que caíssem orvalhos e se projetassem os primeiros reflexos do sol! Ele é mil vezes imprevisto, e tão belo como o sol da meia noite! O seu veu de fumo, diafano, ondula no espaço entre as pratas luminosas como por sobre os ombros rosados de uma noiva! Canta a gloria por uma garganta de cristal! E ruidos fundos e enormes vêm de gerar-se, estranhamente, da graça estival da sua natureza quente, mas quasi diafana. Sob ele, por um momento, tudo resulta doirado e esmaltado e florido! De si, do seu brilho intenso, imprevistos relampagos de prata dardejam flexas na escuridão distante, sob as nuvens

azues. Subito, porem, começou morrendo; desnastrou-se-lhe o grande colar de diamantes doces e tristes, rolando esperguiçadamente... Como que uma canção de silfos ficou interrompida, pelo espaço!... E breve, como um panno de teatro, a escuridão caíu de novo, profunda sobre todas as coisas...

Então, tristemente, um arrepio de vento penetrou os ombros claros que iam cobrir-se para partirem, estremecendo-lhes todo o tecido delicado, como se fosse já por um inverno, ao desabrigo.

Pela voz bravia do mar—impetuosa e rouca, dentro de uma escuridão e distancia mais tristes—conjugava-se o esforço dos braços torcidos sob o peso soberano de uma cadeia enorme, e a raiva de uma alma anciosa de luta, com sedes de vingança a dementarem-lhe todo o movimento da tragedia estranha da sua vida!

Rumores de ondas, perdidos, sussurravam por além, como um éco dos ventos, entre colinas...

Tinham os astros esquecido todo o riso, com

uma indolencia de creanças que cedo adormecem...

Tudo parecia ter adormecido, em redor...

Mas então — ainda esbelta, como uma planta que de subito se desprende — uma nova haste de fogo trepou e riscou um alto vôo ancioso, como para ficar suspensa, ornamentalmente, da cupula preciosa do grande espaço estrelado! Heis, porem, que de repente se alcança!... Como uma fantasia infantil, perde a coragem do vôo ingenuo, e arqueia na impressão moribunda de uma vertigem. Solta de novo um vôo curto, como para amparar-se... E vae, por fim, desiludida, abrir por sobre as aguas enormes do grande mar clamorante!...

Mil rosas de sangue, muito vivas, iluminaram então, como a um facho rubro, o espaço das aguas em revolta. E cristas de onda, galopando, ardentes, rugiam e precipitavam-se como ondas de sangue na deanteira de um exercito atirando-se a toda a carga. O espaço daguas, ao longe, refletiu-se sangrento, como ao effeito inédito de um *sol* retardado!... Sob as ondas — já envoltas na côr azul da noite — vinha-se

perdendo a escura e ultima prata do grande bouquet por quem todas as côres, por longo espaço, se sentiram animadas. Um éco de fogo, solto no vento, repercutiu, desdobrou, como de colina em colina...

E a noite, perfeita, vestiu-se então de um escuro mais maguado...

---

# XI

*A B...*

PASSAM poucos nataes — contaram-me — que não ha viuvas e orfãos ouvindo missa pelas capelas e o areal cheio de gente vestida de negro e triste, a chorar para a increpação das ondas, entre o nevoeiro...

Na escura tragedia desses quadros de viuvez e orfandade desremediadas ha, engrandecendo-os, um grande sonho de angustias e de religião, uma crença anciosa e terrivel: — os mortos veem todos ao mar, ouvem, veem tudo, e a todos escutam... Vibração estranha!... E os vivos, por isso, soluçam na praia ventosa, como se realmente esse dia fosse, entre o temporal, o dia de mortos e vivos se falarem...

Todavia, as viuvas, com as creanças chorando e arrepelando-lhes as saias negras, diz-se que falam aos mortos, entrecortando as suas exclamações com a résa e o chôro convulsos de um desespero supremo. Não ha paciencia

que destrince, nem ouvidos que suportem o clamôr inverosimil desse tumulto de vozes enumerando nomes de pessoas e de embarcações, amôr de filhos e meiguices de familia. A par, o vento e os aguaceiros, pelos aridos invernos, vergastam as faces transfiguradas numa caricatura convulsa de dôr, e levantam, enxurrando, os pannos escuros daquelas figuras sacudidas de tragedia. O areal, pelos nataes, fixa o aspéto horrivel dos grandes desesperos humanos.

*

*   *

Do mesmo modo, ao dia de hoje — que está uma parda e exquisita paisajem de nevoas, a qual o sol, ha pouco, não teve forças de conquistar, rompendo — chamou-lhe aqui uma rapariga do povo, pouco menos que chorando: *um dia de falar com mortos*...

Como um diamante riscando um vidro, esta fráse aspera e subita riscou na minha alma desagradavelmente... Pela suggestão, estas coisas minimas adquirem para mim o ar frio, a

expressão triste e suspeita de quem os está esperando, tambem... Sinto que o tempo é duma cruel e lenta continuidade... E todavia, os mortos não voltarão... Sómente as nevoas enchem a rua longa e todo o espaço, mal deixando distinguir, dos vultos, uma sombra difusa que abstratamente passa e que, como por misterio, se dilue na nevoa errante...

*

* *

Mas naquela noite — conta-se — as luzes ardem a sua grande flamula amarela e triste... Aos cantos da casa, envolvendo, negras massas de sombra parecem ter alma e olhos fundos que tudo veem... O vento zune, aspero, pelas ruélas do bairro...

E ao redor da mesa — ingenuos, num riso desprendido que provoca as lagrimas — os filhos disputam entre si o briquedo pobre de um aparelho de mar, gargalhando ás vezes, depois de um curto silencio curioso, pelo modo como o vento declama e assobia lá fóra, em desafio com

as vagas ululantes da costa marinha. Estendidos por sobre a mesa nua, dão movimento ingenuo ás lanchas tôscas de cortiça que um incombativel instinto de marujos lhes inspirára obrar. Depois, lutam entre si esse egoismo infantil da posse, que é o mais nato dos sentimentos humanos. E entretanto, o mais novo, gordo e quasi adormecido, suga compassada e fatigadamente no seio pesado da mãe...

E triste, quasi agoirento, o vento clama mais... e sempre!...

No desasocego da noite enorme e funda, o frio, cortante, infiltrasse agudamente pelas frestas da portada ou por sobre as ripas ruidas da telhavã do coberto.

Para essa mãe não faltam crépes, nem silencio, nem miseria, nem o mugido e rugido de um vento increpante que desmede a dôr e por vezes a torna como um sonho longiquo, esvoaçado e distanciado até onde a abstração e a quietitude reproduzem as imagens, as expressões, os idilios, os beijos e a alegria passadas, pela saudade!... O mar, ao longe, fala dos mortos... Rola-lhe do seio aos braços, ador-

mecido, o filho gordo, pesado como as suas lagrimas e os seus pensamentos de miseria e dôr. E emquanto a neve cáe, amontoando na soleira curta da portada, outros pequenitos alheios, que não são seus filhos, mas que o são do Mar (como os de todos), param lá fora cantando a melancolia ancestral dos *santos reis* — felizes patriarcas que se guiaram, no mundo, por *uma bôa estrella*...

---

XII

Meia lua de oiro sobre o mar, encrostada a meio de um grande espaço azul, e fôsca como se ainda o sol, de longe, a distinguisse e refletisse.

No oceano crescem as ondas para a maré cheia, revoltas e esbracejando sobre as penedias.

Fluctua, ondula, cresce e passa, uma aragem ingenua.

O gaz, averdiscado, inflama-se.

Mareia, como elastica, uma multidão rumorosa.

O azul do ceu torna-se fundo o estrelado...

Ouve-se o mar...

Trindades!...

*

*   *

No fundo porco de um tasco, á luz incerta e amarela e mole, de uma candeia, cantam poveiros: — *Que é d'encantar!...*

Um ruivo forte e sardento recosta-se numa cadeira de pinho, de boina á nuca, e desgarra.

Frige-se pescado; figuras debruçadas sobre uma banca, bebem; e o ruivo, tonto do vinho, canta violentamente!

E' noite cá fora.

Entre o tumulto e a algazarra da viola do ruivo, um velho lobo do mar encosta-se á portada e rumina... Aperta-se-lhe ao canto da bocca o cachimbo curto e pesado, e a sua mascara engelha-se com esforço. Nos olhos miudos, azues-escuros, descobre-se-lhe toda a indolencia do vicioso, e toda a abstração e estranhesa...

O ruivo canta; e a sua voz desordenada enche o fundo porco do tasco, á luz incerta e fumarenta de uma candeia de petroleo...

*

* *

No escuro, a um canto da capela e sob a luz fria do acitilene, corre e raspa nos pregos uma *roda de fortuna*...

Pouca gente.

A lua espalha no mar, ao longe, uma poeira de prata, que, entre as aguas escuras de todo o oceano, é como que o caminho esmaltado para uma ilha de quimera!...

Um petiz anemico agita a *roda da fortuna* com um dedo... Logo outra mão a impele mais. E a roda desata a correr, aspera e veloz... Faz-se um todo de anciedade entre as figuras que se ajustam em redôr...

— Branco!...

Um velho pescadôr, tremendo, de jaqueta ao ombro e olhos piscos, sorri, de beiça cahida, para os vidros azues e foscos que se encastelam na espiral da *roda*... A' luz fria e triste, espanejada ao vento, todas as figuras tomam uma expressão indolente, meditativa...

Ouve-se, lá para o outro lado, para o fundo da rua — das barracas despetaculo de feira, inflamadas á luz macabra dos archotes vermelhos — um ruido intempestivo de musicas.

Todavia, no recanto escuro e sobre os vidros azues o acitilene amortece, e a *roda* está quasi deserta, com as mesmas quatro pessoas...

— Branco!...

— Outra vez...

E o marujo parte, os pés raspando na areia, suspendendo do ombro a jaqueta escura, e com os olhos amortecidos, pesados de sôno...

— *Pouca sorte... pouca sorte!...*

*

* *

Pela portada de um café, sobre uma onda de cabeças, que se erguem e apertam para verem, passa, academica e fastidiosa, a voz solida de uma cantora...

Acima daquela vaga humana — negra vaga suspensa — brilham lá dentro os cristaes de um lustre e a vaidade indiferente dos espelhos.

*Riri, Pagliccio,*
*sul tuo amore infrauto!*

.................................

E do outro lado da rua estreita, encostados e com os joelhos quebrando, alguns poveiros dormem...

*

* *

Anda a lua sobre o mar, como uma vigia de fronteiras.

O seu olhar, lucido e firme, distingue, de polo a polo, as praias todas do mar.

Dez horas. E quasi todas as aguas se refletem de prata.

Como camponios, um grupo de novos e solidos pescadores vae, avenida fora, a cantar ao som de um harmonium, á desgarrada. Na maré cheia o mar ressôa. Ergue-se a moda galega do harmonium, um tudo nada melancolica...

E o gaz amarelo continua iluminando a avenida quasi deserta...

*

* *

No bairro dos pescadores, para o sul, tudo repoisa e dorme...

Bate o luar vitrado sobre as telhas escuras e na face branca dos prediositos rasteiros, e como que tudo adelgaça e torna leve...

A poesia da noite espreguiça as grandes azas de sonho por sobre todo o bairro...

*
* *

E eu ouvi contar ao luar de prata!...

Voz rouca, triste voz anciosa, ouvi-a gemer e bramir, nas guitarras e pelo mar...

E como que de tudo um lamento se escutava e nos estremecia, partindo...

*
* *

No relogio das *Dôres* bateram então, pesadas no bronze, as duas horas...

---

XIII

A beleza do Mar!

Ah!... que se tu a compreendesses!...
O Mar é belo, o Mar é forte, o Mar
é estranho!

Ouve!... Preguiça e rugido! Como ele canta!...

Eu mil vezes tenho sonhado com a beleza divina do teu corpo. De olhos abertos, na escuridão do meu quarto, corro-o todo, palpo-o!... E encanta-me a volutuosidade doirada do teu ventre; a carinhosa gordura maternal dos teus seios — que são como duas grandes magnolias rosadas, na primeira alegria de março; a tua garganta, elegante como as plantas, e profunda, nas profundas caricias que a enlaçam; e as tuas coxas rosadas, enxutas, fortes, que recordam as de uma ninfa reclinada de goso entre os loureiros orvalhados e formosos!

Pois só o Mar, no seio elastico, alteado e volutuoso, das ondas, te evoca nas imagens claras

da natureza, ante meus cinco sentidos insatisfeitos.

E, ó Rara: como todo o mar, por tua graça, pela graça estuante do teu corpo claro, é mais belo e é mais forte!

Cristas de vaga vão fugindo, vão sorrindo e vão florindo, anciosas e afoitas, ao vento aspero que as desnastra!

Troncam-se, rugem — recurvos os dorsos fortes e doirados — as vagas femininas, na ressaca!

Como aos vestidos vaporosos das nevoas, abrem-se na praia, por imitação, crepelisses infantis, azues, brancas, doiradas, de espumas preguiçosas e ociosas!

E, ó Rára! como o teu riso, — a sua graça é a Primavera, a frescura, a ternura, o gesto flebil e espreguiçado!...

Alẹm, naquele concavo verde de onda, vêm as escamas azues e brilhantes das tuas cochas de naiade moça, luzindo e requebrando. Teu seio, agora, alteia, viçoso e cheio de leite, como as flores, por sobre outras ondas fortes e corajosas que adoram tambem a tua beleza robusta.

Vaes chegar, vou ver-te, vou estreitar-te, ó Rára! E no entanto, que imaginação incendiada: sómente um rastro flexuoso de espuma vem humildar-se a meus pés, como numa galanteria, todo graça e misterio e tristeza...

E o meu anceio da tua posse — a posse esperada da tua forma estuante e forte — o mar, incerto, a revolve e a torna escura...

Ah! mas pelas horas de sonho que ele me traz — horas mais humanas, mais livres, mais universaes de visão luminosa — eu o amo e lhe quero a extremos; o cinjo todo em meu abraço eterno de filho da terra redemido por seu proprio esforço apolineo!

Porque ele, ao sol, é a onda volutuosa do teu ventre!

De noite, ao luar, é a garganta de prata das tuas caricias e da tua preguiça!...

Pelo teu corpo, pois, bemdito o mar, ó meu amôr côr de rosa!

# XIV

COMO que a côr azul do mar — que ao sol é mais bela, mais flôr e mais côr de pedra preciosa — adoeceu e esmoreceu, á semelhança das raparigas do nosso tempo, a quem, satisfeito uma vez o sadismo violento e belo se amortece e apaga, nas faces, a frescura dos anos primaveris, alegres, que nunca mais poderão voltar!...

Passou o estio, já... O outono voltou. E suas côres de oiro morto não estão sómente nas arvores, no gemido frio do vento e no quer que seja de cinzento e vago e sugestivo, que enternece e opalisa a paisagem. Estão, tambem, na côr azul-perola, morta e fria, que se desdobra na agua triste da praia, e que á tarde quebra o marulho alegre de outros dias, subjugando a alegria victoriosa com que dantes nos abriamos ao mar.

Tristes, ao fim das tardes, metade dos predios conservavam-se fechados — rectanguladas as

janelas, os vidros brilhando inutilmente... Para a serra, para a provincia e, ainda, para a cidade impregnada de miserias, os comboios atufam-se de gente, rolando da *gare* com uma indiferença de sacio e egoismo, estupidamente humanos. A musica, nos cafés, *vae como vae*, atropelada e frouxa... E horas ha em que os braços tomam gestos abstratos de rotomarem as malas; atitudes agressivas de esbofetiarem a todo o mundo; simultaneos desejos de partirem e de ficarem, negligentemente; carecendo umas vezes deste aquiétado declinar da fortuna, tão melancolico como revigurante; outras vezes do novo relampago de uma viagem, inutilisando-se pelo prazer pasageiro dos novos destinos e das novas sensações.

Mas á noite a melancolia corta no nosso modo de ser nervoso e preocupado como certos acidos no esmalte de um metal atreito e facilmente inutilisavel...

As ruas, sem ninguem, são pavorosas. Lá ao fundo, fantastico, flameja o gaz, espanejado pela ventania. Ouve-se o mar, mais ameaçadôr e como que prometendo as subidas violentas do

inverno. Os poveiros, monotonos até á quietitude das curiosas figuras dos bonzos orientaes, passam nas ruas silenciosamente, a periscarem. E nas lojas de merceeiro, então já meias cerradas, dorme o marçano porco, e á portada, como que trocejando, os morcegos riscam a todo o instante um vôo rapido, victoriosos nas suas pequenas e ligeiras azas de veludo negro e sedoso.

*

* *

E outra coisa não admiro — desde que anoitece e o gaz neurastenisa, mais doentio, a humidade e o silencio das ruas — que os morcegos vagueantes.

Não me cança facilmente o ver a todo o momento, variado sobre a luz amarela que irrompe das portadas desertas de cada tenda, esse vôo a um tempo ironico e triste. Parece-me, ás vezes, que se traceja como para comentar a monotomia destas ruas quietas, onde tudo vive, desde os edificios aos seus habitantes, na situação comica de serem vergados por um peso de

sôno complicado e constante. Outras vezes, e mormente quando um alto clamôr do mar vem encher de rumôr todas as ruas da vila quasi cerrada e recolhida, o vôo fantasmagorico, parecendo vir mais triste pela surpresa que causa, prolonga o sentimento amoral do inverno e reveste os logares calados dessa poesia esquecida da grande vida provinciana, na familia.

E não é só ás portadas que os morcegos sucios esvoaçam e troçam. Dentro das tendas, no ar viciado da loja encebada e de soalhos escorregadios, livres e gatunos veem-se correr junto dos objetos suspensos do této baixo e negro. Ali, á entrada, entre os massos das velas de cebo e dos abanadores de verga; ao fundo, diante da lamparina e do *oratorio;* sobre os copinhos da aguardente, no balcão; e em redor do estabelecimento, entre as ceiras de figos e as sacas do arroz—por todos os cantos o morcego esvoaça, trejeita, sobe, corta em linha horisontal até ruflar nas vidraças com aletria, forçando a troça—e chasqueando do sono doentio dos habitantes monotonos.

Garoto que passe, de bonet, as mãos nos

bolços, tamancos barulhentos nos pés e um *ordinario* filarmonicalisado na garganta forte, de boa embocadura para cornetim, pára subito, detem-se contente e d'olhos arregalados, e levanta o bonet de pála no gesto traiçoeiro de caça — para a conquista de uma das aves noturnas que esvoaçam. Ligeiro e esquesito, cada um morcego, dum vôo rapido, parece ter desaparecido por detraz do *oratorio* do «Santo Antonio», na estante do fundo. E o garoto, então, ancioso, trava dialogo com o marçano que dormita ao balcão, de mãos enfiadas no forro da jaqueta.

— O' bruto — olha que o morcego bebe-te o azeite ao «santo». Joga-lhe um figo. Está lá um! Olha: outro! O «santo» fica-te ás escuras, camartulo.

E aos morcegos que logo saem ou vem entrando, esboaça o bonet pequeno do garoto, entre o seu pregão provocante e traiçoeiro:

— Morcego, vem á vela, que tem cebo!...

*

* *

Assim decorrem estes dias e noites do outono, empastados de nevoa e quasi sem mais ruido que o do mar.

Pela manhã, os sinos — chamando pitorescamente á missa — parecem vir de uma terra distante, trazidos de quando em vez numa aza de vento que ahi chega e que logo se aparta.

Horas e horas, sem mais sinal de vida, escutam-se os pregões agudos das poveiras ageis e curiosas, que caminham apregoando, sem perderem um instante, com as saias subidas a baterem-lhes nas pernas nuas, vermelhas e fortes. E os tipos que se distinguem levam, todos, o perfil meio apagado na bruma verde...

E' por isso que eu, visto que tu chegaste, ó outono cinzento e pesado de abeira-mar, revivo em mim, nestas horas silenciosas, todas as impressões de graça que mercê do sol e da alegria do mar recebi, e parto breve, feliz com as folhas ligeiras do meu *jornal do mar,* a levalas á cidade ociosa para onde, hoje em dia,

quasi que exclusivamente se canalisam todas as ambições e energias desta malta de preço que somos todos nós, os filhos da serra esquecida.

Alegre vos seja o inverno, ó marinheiros. Ardam as lenhas secas, da montanha, na vossa lareira alegre e agitada. Regorgitem, cheias de braza e fumo, as vossas pipas de Holanda.

A' tarde, sobre a agua verde e enevoada, e sob o fulgôr de rosa do espaço — no lindo efeito invernal da vossa praia — voltem fartas, voltem felizes e alegres, as vossas lanchas.

Cantem á tarde, ao sol frio e amortecido da estação, as rendeiras do areal soberbo, que sonham com um noivo ruivo e a tragedia imprescindivel e heroica de uma tempestade.

De manhasinha, ao *picar* lesto da missa, entre nevoas, que se levantem e partam, heroicamente, as vossas velas latinas, cheias de tradição e de amôr á vida vagabunda e efemera das vagas!...

Ao meio dia, que todos vós, ó lobos d'agua, caminheis felizes—tropegos como sois—no novelo dos vossos pesados casacos rotos, ao caldo quente do vosso lar!...

Cante o vinho por vós, nos tascos, de noite, á luz amarela das candeias. Que se rolem nos passeios, russos e gordos como boiões de manteiga, os vossos filhos que pedem *pelas alminhas, meu senhor, de quem lá tem*...

Que todos sejaes felizes até ao ano, até que eu regresse.

E sobre tudo, tu, ó mar: sê complacente, sê melhor, sê generoso.

---

# XV

Uma vez a mala dentro da carruagem e batida a portinhola, adeus, vi o relogio e apertei o *bonnet* debruçado na janela; a machina silvou; e logo todo o comboio, deslocando-se daquele poisio monotono de alguns minutos, começou a mover-se, a desprender-se e a deslisar, correntia na linha extensa, como por sobre dois longos fios de azeite!...

Saudades? Sim, certamente: muitas, todas as saudades.

Por toda a minha vida intima fazia-se então, e expressivamente, o movimento tumultuoso e pesado das impressões profundas, quando principiam a gestar-se para uma vida de pena que nunca mais nos deixará.

Saudades desse mar e desses velhos, tão amigos como nenhuns outros encontrei. Saudades de certas horas já perdidas e então envoltas no «nunca mais» deploravel das nossas queixas — ainda que talvez mais quentes, na aflixão

com que as suas raizes de lembrança anciosamente se debroçavam sobre o coração que as sofria e as protegia. Saudades dessas ruas tão feias de forma, mas tão belas de colorido e rumôr. Saudades, finalmente, de todas as noites de bom luar preguiçoso, e de tanta madrugada em que o nevoeiro era como que a paisagem que nos nossos sonhos imaginamos, chegada ali pela graça divina de algum deus fecundor estranho de melancolias...

Ao tropel violento desse caminhar de comboio quizera eu transmitir então (siquer para o resultado da tregua de momento), a piedade de uma suplica, a justiça de uma razão, ou, mesmo, a firmeza de uma violencia. Para uma nova sensação de alegria e saudade, evocativas, um momento mais de silencio. Era apenas ouvi-lo de novo, a esse mar teatral e voluntarioso, especie de corcel de crinas desnastradas e audaciosas, numa caminhada de vagas enorme e heroica, a cujo rumôr parecia levantar-se e écoar, magistralmente, toda a complicada orquestação de um ino primitivo e bravo e cego er ude,d as mais profundas e combostivas for-

ças da natureza! Era ouvi-lo ainda uma vez bramir, elevado ou de rojo, violenta ou comovidamente. Ou então escutar-lhe, siquer no vento, o marulho caricioso das vagas partidas e rojadas em largos lençoes alvacentos pelos areaes desertos da costa--marulho de pena, num rastro indolente, em que a melancolia repete a toda a hora a sua mais intima poesia: metade de sonho e metade de ternura...

Mas ao longe o burgo poveiro principiava rodando sobre si mesmo, todo branco e como num redemoinho de penas claras, agitadas e animadas pelo vento!

—Adeus, ó Mar! Velho e scetico e teatral amigo, adeus!

Fugindo, na tarde morna de outono, pela borda d'agua, o comboio desdobrava alegremente o fumo esparso da chaminé e os lenços brancos da despedida.

—Adeus, adeus!... Mar do norte, implumado de espumas, coberto de côres, atraido das praias—adeus, adeus!...

Para o longe, na toalha espelhada das aguas, vinham lanchas subindo, de altas velas levanta-

das contra o sol frouxo. Um grito da maquina parecia acelerar a marcha e desprender mais, num grande vôo, o golpe enorme da paisagem clara e livre. Flocos de ondas iam e vinham, numa preguiça engraçada, pelos areaes planos e desertos de alem... E o sol, frio e como coado atravez um vidro fosco, espalhava na imensidade cinzenta e quasi quieta um pronuncio de hora amoravel de fim de tarde, um tudo nada fatigada e adormecida.

E dentro de alguns minutos começou esvoaçando em frente da janela da carruagem, toda descerrada e alegre, o casario claro de Vila do Conde, do meio do qual irrompia, esquinada e morena, a torre romanica da matriz de S. João Batista.

Aguas do *Ave,* enganando-se na sua ingenua caminhada para o mar, batiam dos moinhos pitorescos do arredôr ensombrado de laranjaes para as arribas traiçoeiras da praia. Sobre nós, começaram correndo os arcos ogivaes do aqueduto das *claristas,* succesivos e longos como uma ponte d'aço, enorme, entre a paisagem luxuriante dum grande rio de Africa. E er-

gueu-se então, em frente, o convento acastelado e sombrio de Santa Clara, que os reflexos do sol manchavam de uma alta patina bronzeada, fazendo-o girar, magestoso, sobre o contraforte pesado dos seus muros cobertos de musgo e liquens. Alem, sob a linha do aqueduto, vicejavam, numa correnteza placida de mar glauco, os lameiros friorentos que o gado corria pelos pastos calados da tarde. A meio da paisagem, crescendo como as ruinas tumultuosas de uma grande cidade agitada por um cataclismo, irrompia a turba multa dos predios, desordenada, á frente da qual parecia erguer o peito heroico, numa decidida atitude de defeza, a fachada enorme do velho mosteiro das freiras. D'ahi, para o sul, desandavam, numa ladeira de velhos telhados mouros, as ultimas casas de pescadores. E, finalmente, abria-se então, num imenso plano quieto, o mar azul da costa pitoresca, ao qual a luz fria da tarde de outono continuava dando o amoravel segredo de um esquecimento feito de melancolia e sentido religioso.

— Agora tudo vae desaparecer!...

E assim foi. Um vôo mais de locomotiva e toda a visão agradavel, que foi o estranho encanto de um tempo que nunca mais esquecerá, fundiu em verdes e monotonas terras de lameiro e vinha, onde de sobre os colmaços humidos das casas rusticas, perigosamente equilibradas, começou a subir, cinzento e triste, o fumo monotono da ceia familiar.

No alto da carruagem, a bogia de azeite começou a irradiar um reflexo amarelo e pobre, que tornava mais pesadas e caladas as figuras desconhecidas e bamboleadas sobre a crina do estofo empoado e gasto. Asperos, ás cancelas das quintas, nos desfiladeiros barulhentos e cortados sobre o peito dos montados, ladravam os cães de guarda. E pelo ceu, ao alto das arvores quasi despidas, começavam a abrir, numa tremura ingenua e frioronta de creanças, os primeiros astros tristes da noite, os quaes pareciam correr tambem, sobre a hora da primeira saudade, a par daquele comboio desconfortavel que me levava e fatigava.

E fez-se, dentro em pouco, noite plena!...

A'quela hora não era eu, somente, quem ca-

minhava a um trote duro de machina, com destino á cidade agasalhadora no inverno. Para o norte, triste entre o afago caricioso de uma pelissa negra — a qual mais destacava o côr de rosa delicioso das suas faces — tambem Nanine partia, levando humedecido, de uma despedida romanesca e cariciosa, a graça delicada de um pequenino lenço de cambraia.

—Mar do norte, amigo velho, adeus!...

E aos dois restavam, da praia, lembranças que mortificavam e aqueciam...

Mais tarde, ao serão longo do inverno, quando a ventania cantava *como as bruxas,* sobre o telhado, não era raro que me escrevesse, recordando:

*«que triste, quando partimos!»*

Que triste!...

---

# XVI

VOLTOU o inverno.

Vêm molhadas as primeiras flores de crisantemo, caem profundas as primeiras chuvas de dezembro; e o nosso fogão, abrazado de dia e noite, fala-nos muito —nestas horas compridas e sós, que parece desdobrarem infinitamente com o ressouo longinquo do vento—de todo o que foi amado e possuido: espuma de ondas, rosa do campo, beijo de mulher — por esse outro tempo, amoroso e amado, que, por qualquer razão, se chamou *esperança*...

As manhãs são frias. Monotono, empana os vidros o novoeiro triste, que é como que filho de um soluço da natureza. E veem-se, fugindo no ladrinho enlameado da rua, femeas delicadas que as peles macias afagam com uma meiguice caprichosa e ineiscedivel; e *autos* ligeiros, que escorrimaçam futilmente na lama, como se fossem, sob chuvas desagradaveis, curiosamente

fantasiados pela imaginação encantadora das crianças.

Depois, dia e noite, o vento corre, incessante. Tinem, ainda atravez o estofo das vidraças e dos *brisses* quietos, as campainhas infatigaveis de cada carro que risca, numa caminhada doentia, todos os bairros da cidade molhada. Os pregões, atravez o veu de chuva, duplicam a monotonia do nosso viver invernal. E enche-nos então um cuidado feito de meiguice e de indolencia e lagrimas, pelas figuras e coisas amadas da nossa vida... Numa gaveta ha uma carta que se lê e relê... A's flores da mesa, alvacentas sobre essa outra caule elegante que as levanta, ambas as mãos as arrebantam e apertam, para um beijo. O cigarro continua sendo «o velho amigo»; e emfim: o tempo é familiarmente amoroso e triste, como nenhum outro.

Do fim da tarde, pardo, são mais amargos e agudos os silvos dos paquetes, no rio, que irrompem e se misturam com a chuva que bate agrestamente nos vidros. Fachas de côr, de um violeta esboçado e frio, listram tenuemente o espaço cinzento, propagando-se até á

barra. Nas aguas verdes do Tejo correm fragatas bojudas e inclinadas, entre as nevoas e o vento. E a noite vem abrindo nas ruas, sobre as primeiras luzes, as grandes azas traiçoeiras de morcego. Rolam trens, cujo lustro e conforto regela os que alagam na lama fria o velho calçado. Quasi com afliçâo, apregoam-se de todos os lados os primeiros jornaes da tarde, gritando continuamente. As ourivesarias resplandecem! E uma tristeza maior, mais dura e pesada, abate todas as forças; domina, por destino, todas as vontades. . .

Então recolho-me. E tarde da noite, ouvindo a chuva, um carinhoso desejo apaga a febre do tanto de revolta contida, mantendo-me ao doce socego de umas brazas pacientes, que se torturam e encarminam. Horas e horas se escreve, trabalha, estuda — tudo num interesse que parece ingenuo, á força de ser bom e desprendido. A noite continua correndo lá fóra, com aguas, ventos e o estrondo dos carris, que se chocam sobre as placas roldadas de aço. Vento sobre vento, uma impressão dolorosa da vida comunica e arreiga-se com a nossa sensibilidade. E é

sempre mais agua a cair, a bater, a rolar e a enxurrar, recordando-nos quadros negros de esquina, gente que não tem poisada, trapeiras que não têm resguardo, miseria que se abisma em sonhos e que não tem alegria, nenhum consolo!... E' o quadro da rua, que ainda, apesar do tormento intimo e forte, lembra, comove, revolta.

Indiferente a tudo, de continuo o fogão continua ardendo. Cá dentro ha um certo brilho alegre num ou outro quadro, meio esbuçados no escuro, e nas louças esmaltadas que suspendem flôres. Os livros, por seu turno, falam tambem dum certo conforto de consciencia vaidosa, que ê, de resto, um *equilibrio* bastante epotético. Mas a sua posse, pelo menos, regala. E ha em torno de nós, ainda, certos objetos amados, fotografias que nos dão a visão de sêres amigos que nos acompanham, do coração, a todo o passo; *bibelots* que rodaram sobre os dedos de creaturas delicadas, às quaes, agora, amamos e abraçamos, em pensamento, como se fossem nossas irmãs; maços de cartas, emfim, que apertados de um modo regular, e quietos, recordam um ro-

mance fechado, terminado, e, apesar de tudo, de funda lembrança; e uma melancolia de irremedio e treva principia a cerrar-nos os olhos da alma, a perturbar-nos o resentimento das paixões injustas, a empoar das cinzas de uma recordação penetrante e comovente as paisagens amadas e perdidas, o colorido vivaz das tardes quentes, as espumas prateadas de frescura onde correram os nossos olhos felizes, e, impressindivelmente, todo o mar, toda a terra, todo o ruido e graça que em torno de nós em dado tempo viveram!...

Então, num estado de amorosa anciedade (que eu não duvido afirmar ser das mais felizes impressões que almas sensiveis chegam a possuir), como que se perseguem as mais comovidas imagens do sonho que vae em frente da nossa alma como uma alegoria alada e cheia de beleza entre ondas e ondas, evoladas, de nevoas comovidissimas. Todas as sensações do passado (as mais timidamente expostas, e as mais longa e sensualmente gosadas) regressam; e, como o espetaculo deslumbrante e pedido ante que se descerram as cortinas vagarosas do engano, vêm sorrir de novo na graça de um sorriso

mais doce, folgarem no embalo dos seus requebros mais harmoniosos, olharem na beleza dos seus olhos mais claros, as imagens divinas; para depois, como a um vento que traiçoeiramente apagasse a luz que as reflete, começarem a envolver-se e a perderem a graça, quasi cheias de encanto e já dissolventes. Anciosamente se resolvem motivos, evocam mais ondas e enfebrecem mais desejos. Que regressem, que regressem! E as cartas fechadas e apertadas, falam; falam as flores murchas, sentimentaes, duma puerilidade que ainda consola e segrega; e falam-nos na nossa bocca, repetidas, as palavras encantadas que se ouviram, meigas por uma musica inefavel e divina. E momentos ha em que uma lagrima indiscreta transforma, envolvendo o nosso olhar, o desenho positivo das coisas e a monotonia calada da hora, nas horas da nova ternura!...

E ás imagens que partem uma maior afetividade as chama. Para elas, para a sua perdida felicidade, voam desejos anciosos como azas. O' nuvens; ó curva laça de ondas vaidosas; bater de azas ancioso sobre a maré; lancha que arqueias entre a ressaca; gritos longos do povo,

em porta vóz; estoiro de espumas, glorioso e forte!—porque não regressaes?... As imagens, porem, são vagas; e mais tristes, ainda, quando as chuvas vergastam os vidros. A' luz amarela que em torno de nós se reflete parecemos assistir então, pelas ultimas recordações, ao seu ultimo vôo, no momento fatal de se tornarem nevoeiro entre os nevoeiros infinitos!...

Assim as noites são enormes e amargas, na intensa insanciedade de todo o nosso desejo de sonho!...

Pela noite alta, quando mais agreste irrompe a chuva e já nenhum rumor resoua e perturba o pesado sôno da cidade fatigada, ha comnosco, dorida, uma sensibilidade de creança e uma profunda certeza de abandono e de solidão. Um punhado de lagrimas pueris, como se fosse toda a nossa alma, sobe e enovela, num grande cristal de saudades, os nossos olhos comovidos.

Nessa hora, é baixinho e como que a resar que as velhas musicas da praia recordam. Com elas como que se levanta o sol na nossa frente. Vejo então que as musicas têm o fecundo e oculto segredo de conservarem vivas e frescas,

como dantes, a policromia dos quadros, a esbeltura das mulheres, o movimento das ondas. E canto. Não alegremente, que tudo quanto foi amado ficou já envolto, pelos passados momentos de pena, num veu amargo e humido de saudade. Mas canto baixo e tristemente o que foi, e em sua natureza o é, ainda, alegre. E das musicas com tristeza evocadas heis que, melhor que nunca, os quadros se renovam, e a mesma graça, o mesmo brilho, o mesmo rumor e a mesma e esmaltado e brilhante alegria antiga, passam, clamam e ressouam, a seu modo, sobre o fundo triste da minha imaginação e do meu canto!...

Cantar para evocar as imagens, parecer-vosha estranho, e, concluindo, direis ser menos verdadeiro. Pois se algum dia, do vosso amor desfeito, uma só musica restar — leve toada de pobres que ás grades de algum jardim encontrasseis, ou trecho voluntarioso e facil que a ambos vos fizesse rodar, enlaçados — essa musica será, evocada, a vossa posse mais completa. Com ela evocareis o passado, inteiramente. Flores colhidas, corpos apertados de surpreza,

beijos mordidos na sombra, a ocultas de tudo e de todos — tudo se vos revelará quando deslisar nos vossos labios, tão lenta e longamente como se a distancia a cantasse, a musica de piano que de alem das alfombras corria, iludida e serena, nesse momento de ternura, inconfundivel para vós. E vereis, como eu vejo nestes dias de tristeza extrema, caminhar á borda d'agua a mulher que vos acompanhou por todas as horas de uma estação de fulgôr e canto! A musica que então correr triste e pressurosa, da vossa alma triste aos labios que quasi a vão resando, revelar-vos-ha, com prazer, os garridos jardins atravessados; a praia molhada do azul humido da manhã, na hora doce e meiga do banho das creanças, para as quaes o *seu* sorriso era encantadoramente feminina; os velhos lobos do mar que vos encontraram a algures, depois da alegria e do segredo de um beijo; as lanchas que partiam com o primeiro sol, recurvas as vélas á onda forte do vento; a vossa meiguice no fim da tarde esmaltado de côres; os vossos juramentos, os vossos sorrisos, as vossas ilusões, e tambem as vossas primei-

ras lagrimas, as lagrimas que sempre veem, fatalmente.

Porque eu vejo o mar, agora, pela graça deste segredo em mim proprio gerado é escondido. Vozes do mar, á tarde, clamam e ecouam por todo o burgo; os pobres remendados regressam ás lanchas; vejo as creanças correrem entre as arvores do jardim e pelos areais de *Aver-o-Mar;* oiço as businas dos pescadores; e, como outrora, fumo, sentado, á espera da que a toda a hora me preocupa e alvoroça. E' a musica de um velho busio desterrado que me dá, pitoralmente, a luz das horas, o rumôr das vagas, a graça adejante das *fusélas*, e a anciedade feliz das lanchas. Um outro motivo rustico, das rendeiras que arremendam nos areais, prende ao meu braço o braço do meu amôr, e leva-nos, serenos, pela estrada enorme de *Aver!...* Uma outra canção, de cavadores, diz-me as tardes de sol, no ruido alegre dos mercados, pela chegada da pesca. E de novo, fumando, encontro no buzio mal colado ao ouvido a sensação das noites em que escutei, sob a lua quieta, num bairro escuro, a sua voz ca-

riciosa e proxima, que era de afago e de adormecimento, enlevada!...

Por amôr das velhas musicas que me segredam romance e saudade—como os ultimos reflexos de um grande amor que abrutamente e caprichosamente ferimos—longas noites, ás horas tardas, me comovo e envelheço, neste profundo castigo de recordar. E instantes ha em que, em frente á luz que esmurece, eu vejo rodarem deante de mim, no mesmo sorriso de outros tempos, alguns que a vida apartou, senhores ainda da minha pena e da nitida estranheza com que ainda os conservo em mim mesmo!...

*

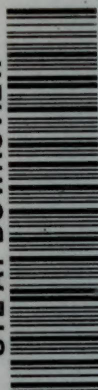
* *

A' borda d'agua são vãs as flores se uma mulher as não tocou e colheu, sorridente e cariciosa.

A' borda d'agua são vãos o tempo e as paginas que se escrevem, se uma mulher nol-as não inspirou, com o seu gosto ingenuo e as suas predileções caprichosas.

E quasi tudo é vão, como as espumas, se desse amor delicioso nos não fica, ao menos — por uma necessidade irresistivel — uma historia para chorar e uma musica flebil e triste que no-la recorde!...

TYP. ANNUARIO COMMERCIAL-PRAÇA RESTAURADORES, 27.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 14 11 14 003 5